

**Pontifícia Universidade Católica de Goiás**  
**Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa**  
**Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia**

**PERCEPÇÃO DE VIOLÊNCIA E ENFRENTAMENTO DE  
ADOLESCENTES VITIMIZADOS**

**Laryssa Nunes Mohn**

**Goiânia**  
**2016**

**Pontifícia Universidade Católica de Goiás**  
**Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa**  
**Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia**

**PERCEPÇÃO DE VIOLÊNCIA E ENFRENTAMENTO DE  
ADOLESCENTES VITIMIZADOS**

**Laryssa Nunes Mohn**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado e Doutorado em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Daniela S. Zanini.

**Goiânia**  
**2016**

M698p

Mohn, Laryssa Nunes

Percepção de violência e enfrentamento de adolescentes  
vitimizados[ manuscrito]/ Laryssa Nunes Mohn.-- 2016.

81 f.; 30 cm

Texto em português com resumo em inglês

Dissertação (mestrado) -- Pontifícia Universidade  
Católica de Goiás, Programa de Pós-Graduação Stricto  
Senso em Psicologia , Goiânia, 2016

Inclui referências f. 34-41

1. Adolescentes e violência - Aspectos psicológicos  
- Goiás (Estado). 2. Ajustamento (Psicologia). 3.  
Psicopatologia do adolescente. I.Zanini, Daniela Sacramento.  
II.Pontifícia Universidade Católica de Goiás. III.  
Título.

CDU: 159.9:364.632(043)

# **PERCEPÇÃO DE VIOLÊNCIA E ENFRETAMENTO DE ADOLESCENTES VITIMIZADOS**

**Laryssa Nunes Mohn**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado e Doutorado em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia, com orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Daniela S. Zanini.

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Daniela Sacramento Zanini – PUC-Goiás  
Orientadora e Presidente da Banca

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Margareth Regina Gomes Veríssimo de Faria – Convidado PUC-Goiás

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cintia Bragheto Ferreira – Convidado UFG

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me permitir realizar um sonho, por mostrar-me que seus planos nunca são frustrados e que seu tempo não é o meu tempo. Toda honra, glória e gratidão sejam dadas ao Senhor.

Agradeço aos meus pais, Wesley e Sandra, por me proporcionarem a oportunidade de concluir mais uma etapa em minha vida. Muito obrigada por toda a paciência, a ajuda, o amor e a confiança que vocês me proporcionaram. Impossível mensurar o meu amor e a gratidão que tenho por vocês.

Obrigado ao meu marido, Rodrigo, por estar ao meu lado e sempre me incentivar, sem se importar com o quão difícil fosse a situação. A você, meu obrigado por me sustentar, apoiar e não me deixar desistir. Agradeço também por toda paciência, amor e cuidado que você me dispensou durante todos esses anos. Amo você e amarei sempre. Que possamos continuar traçando juntos o que Deus começou em nossas vidas.

Ao meu irmão, Fernando, meu muito obrigado pelo seu silêncio, que tanto me fala. Sou grata pelo apoio incondicional e por me fazer sorrir, mesmo quando eu achava que não era mais possível. Amar-te é muito pouco perto de tudo que você já fez e faz por mim.

Agradeço a minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Daniela Zanini, pela delicadeza, pela paciência e pelos ensinamentos sempre presentes em nossos encontros. Obrigada por marcar a minha vida e por me mostrar uma parte que até então eu desconhecia: o gosto pelo estudo. Sou muito agradecida pelas correções, que me ensinaram tanto, e pelo incentivo a continuar e persistir. Impossível colocar em palavras tudo que aprendi com você.

Obrigada a minha melhor amiga, Jordana, que despertou em mim os primeiros sentimentos de continuar a estudar. Agradeço pelo incentivo, apoio, carinho, por me

escutar e entender quando precisei me ausentar. Sou grata pela oportunidade de fazer parte da sua vida.

À Ludmila, meu muito obrigada pelo carinho, pela compreensão e por confiar em meu trabalho, além de estar sempre à disposição quando eu precisei.

À Geralda, por cuidar de mim e propiciar um ambiente calmo e tranquilo para que eu pudesse estudar. Além de todo o apoio oferecido, tornando o meu dia a dia mais fácil.

Às minhas queridas amigas de mestrado, Izadora, Lidiane e Pamela, agradeço pela companhia e por me darem suporte quando tudo parecia impossível de ser concretizado. Levo vocês para a vida.

Sou grata a todos que, de alguma maneira, contribuíram para que o sonho do mestrado fosse concretizado. Obrigado aos meus familiares e aos colegas de trabalho, que me apoiaram e entenderam quando precisei me ausentar, às pessoas que oraram por mim, à equipe de servidores da Pontifícia Universidade Católica de Goiás e àquelas pessoas que se prontificaram a participar em algum momento do trabalho.

À banca examinadora, o meu muito obrigado por aceitarem participar e pelos ensinamentos tão valiosos. A vocês, minha eterna gratidão.

## RESUMO

Os temas relacionados à violência têm chamado a atenção e se tornado objeto de estudo de diferentes áreas do conhecimento. Nota-se, cada vez mais, que a violência contra o adolescente tem aumentado não só no Brasil, mas em todo o mundo. No entanto, apesar do impacto desse tipo de violência ser múltiplo, existem variações individuais. Conhecer a forma como o adolescente enfrenta as consequências da exposição à violência é de extrema importância não só por ampliar o entendimento dessa fase do desenvolvimento, como também por trazer informações importantes para a elaboração de programas de atendimento, prevenção e tratamento para adolescentes. O presente estudo foi resultado e conclusão do curso de Mestrado em Psicologia, realizado no programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, na linha de pesquisa Psicopatologia Clínica e da Saúde. Este trabalho teve como objetivo fazer um levantamento, na literatura dos últimos dez anos, do que tem sido produzido sobre adolescentes expostos a vivências violentas e suas estratégias de *coping*, além de intentar compreender como os adolescentes goianos têm percebido essas vivências a que são expostos e suas estratégias de *coping* diante de tais eventos. Esta investigação originou-se da necessidade de material sobre o tema e também da indispensabilidade de aprofundamento das questões relacionadas às vivências violentas e aos adolescentes, tais como: as formas de enfrentamento dos adolescentes goianos ante a exposição a eventos violentos, assim como suas percepções a respeito de tais atos, se a cultura influencia essas vivências e as formas de enfrentamento, se o gênero interfere na forma como os adolescentes se portam ante elas e as consequências dessas exposições dos adolescentes. Para cumprir o objetivo, organizou-se a dissertação em dois capítulos, sendo o primeiro intitulado “Revisão sistemática sobre as produções de artigos acerca da violência, adolescência e *coping*”, que tem como finalidade levantar, na literatura dos últimos dez anos, artigos relacionados com a adolescência, a violência e o *coping*, com a intenção de averiguar o que está sendo produzido sobre o assunto. No segundo capítulo, “Estudo empírico sobre como os adolescentes goianos enfrentam os episódios de violência sofridos”, busca-se categorizar os problemas descritos pelos adolescentes goianos, além de averiguar a existência de correlação entre vivências violentas, seus tipos e natureza e as estratégias de *coping* de adolescentes goianos. Por meio dos resultados encontrados, pode-se fomentar a discussão sobre o tema, bem como contribuir para que se criem programas e ações voltadas para a promoção, a prevenção e o tratamento desses adolescentes, considerando-se as particularidades e complexidades que envolvem esse período do desenvolvimento humano.

**Palavras-chave:** violência, adolescência, estratégias de *coping*, cultura, saúde.



## ABSTRACT

Issues related to violence have drawn attention and become the object of study of different areas of knowledge. Note, increasingly, that violence against adolescents has increased not only in Brazil but worldwide. However, despite the impact of such violence be multiple, there are individual variations. Knowing how the teenager faces the consequences of exposure to violence is of utmost importance not only to broaden the understanding of this phase of development, but also to bring important information to prepare care programs, prevention and treatment for adolescents. This study is the result and conclusion of the Master in Psychology, held at the Graduate program *stricto sensu* of the Catholic University of Goiás, in the search line Psychopathology Clinical and Health. This study aims to survey in literature of the last ten years than has been produced on adolescents exposed to violent livings and their coping strategies, and bring to understand how teens goianos have noticed these livings that are exposed and their coping strategies in response to these events. This research originated from the need for material on the subject and also the necessity of deepening of issues related to violent livings and adolescents, such as coping forms the adolescents goianos before exposure to violent events, as well as their perceptions respect of such acts, if culture influences these experiences and ways of coping, whether gender affects the way teenagers behave before them and the consequences of exposure of adolescents. To meet the goal, the dissertation was organized into two chapters, the first entitled "Systematic review of the production of articles on violence, adolescence and coping", which aims to raise in the literature of the past ten years, related articles with adolescence, violence and coping with the intention to find out what is being produced on the subject. In the second chapter, "An empirical study on how teenagers goianos face episodes of violence suffered," seeks to categorize the problems described by goianos adolescents and to verify the correlation between violent livings, their types and nature and strategies coping goianos adolescents. Through these results, we can foster discussion on the topic, as well as contribute to the create programs and actions for the promotion, prevention and treatment of these adolescents, considering the particularities and complexities involving this period human development.

Keywords: violence, adolescence, coping strategies, culture, healthy.

**LISTA DE TABELAS**

<b>Tabela 1.</b> Categorização dos problemas descritos pelos adolescentes .....	52
<b>Tabela 2.</b> Descrição de problemas, tipo de violência e natureza da violência .....	53
<b>Tabela 3.</b> Comparação de média entre natureza da violência e estratégias de <i> coping</i> .....	54
<b>Tabela 4.</b> Correlação entre tipos de violência, nota de estresse e estratégias de <i> coping</i> no último ano .....	55
<b>Tabela 5.</b> Correlação entre tipos de violência, nota de estresse e estratégias de <i> coping</i> ao longo da vida .....	56

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	01
<b>Referências</b> .....	05
<b>CAPÍTULO 1 – REVISÃO SISTEMÁTICA SOBRE VIOLÊNCIA CONTRA ADOLESCENTES E ESTRATÉGIAS DE <i>COPING</i></b> .....	08
<b>Resumo</b> .....	09
<b>Abstract</b> .....	09
<b>Revisão sistemática sobre violência contra adolescentes e estratégias de <i>coping</i> ...</b>	10
<b>Método</b> .....	17
Procedimentos .....	17
<b>Resultados e Discussão</b> .....	18
<b>Conclusão</b> .....	33
<b>Referências</b> .....	34
<b>CAPÍTULO 2 – O ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA POR ADOLESCENTES GOIANOS</b> .....	42
<b>Resumo</b> .....	43
<b>Abstract</b> .....	43
<b>O enfrentamento de violência por adolescentes goianos</b> .....	44
<b>Método</b> .....	52
Participantes .....	52
Instrumentos .....	52
Procedimentos .....	54
<b>Resultados</b> .....	55
<b>Discussão</b> .....	61
<b>Conclusão</b> .....	66
<b>Referências</b> .....	67

## **Apresentação**

Temas relacionados à violência sempre foram discutidos na sociedade pela complexidade do fenômeno e na tentativa de combater tais atos (Dahlberg & Krug, 2007). Diversas áreas do conhecimento têm se interessado por questões voltadas à violência, como Direito, Enfermagem, Medicina, Educação, Assistência Social, Segurança Pública, não sendo diferente com a Psicologia (Cabral & Maia, 2012; Maia, Araújo & Júnior, 2012; Real & Conceição, 2013; Sá, Rocha, Moraes, Braga, Filha & Dias, 2012; Vieira, Oliveira, Moreira, Pereira, Catrib & Lira, 2015). Atualmente, no Brasil, a violência, além de ser um assunto de interesse de diversas áreas do conhecimento, tem sido tratada como uma questão de saúde pública, uma vez que, quando expostos a atos violentos, os indivíduos são afetados de diferentes formas e precisam de atenção e cuidados em diferentes áreas (Penso, Almeida, Brasil, Barros & Brandão, 2010).

A violência atinge a toda a sociedade e, sendo assim, os adolescentes não estão isentos de serem submetidos aos impactos gerados pelas vivências violentas e por suas consequências (Maia, Araújo & Júnior, 2012). Estudos têm demonstrado que, no Brasil, é grande o número de adolescentes expostos à violência (Programa de Redução da Violência Letal contra Adolescentes e Jovens, 2016; Unicef Brasil, 2016; Waiselfisz, 2015). Segundo a 5.<sup>a</sup> edição do Índice de Homicídios na Adolescência (IHA), que toma por base os dados de 2012, estimava-se que mais de 42 mil adolescentes, entre 12 e 18 anos, poderiam ser vítimas de homicídios nos municípios brasileiros com mais de 100 mil habitantes entre os anos de 2013 e 2019. Esses dados são apenas sobre homicídios, contudo, existe, ainda, uma grande variedade de situações de violência a que os adolescentes podem ser expostos e que não necessariamente culminam com a sua morte.

O impacto da violência contra o adolescente tem gerado pesquisas em diversos lugares no mundo (Ahmad, Ishtiaq & Mustafa, 2016; Braun-Lewensonh, Sagy & Said, 2014; McGregor, Melvin & Newman, 2015; Mohammad, Shapiro & Wainwright, 2015; Smith & Somhlaba, 2015; Ulturgasheva, 2014). Ademais, o impacto da violência contra o adolescente é vivenciado de forma diferente em cada cultura (Ahmad, Ishtiaq & Mustafa, 2016). Por sua vez, Andrade *et al.* (2012) afirmam que o número de pesquisas nacionais sobre o tema é insuficiente. Por essa razão, é importante estudar questões ligadas às formas de enfrentamento dos adolescentes diante de vivências violentas.

Schwanck e Silva (2006) explicam que cabe aos profissionais das áreas sociais e da saúde saber reconhecer uma situação de violência para que, assim, se possa prever e desenvolver ações de cuidado não apenas no momento em que se identifica a violência, mas também posteriormente, por longos períodos, o que permitiria acionar os serviços de proteção para que sejam tomadas as devidas providências em cada etapa do complexo processo que envolve as situações violentas.

O presente estudo é resultado e conclusão do curso de mestrado em Psicologia, realizado no programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, na linha de pesquisa Psicopatologia Clínica e da Saúde. Este estudo integra um projeto guarda-chuva, intitulado “Avaliação Psicológica dos Processos de Polivitimização e Resiliência em Crianças, Adolescentes e Adultos”. Outros trabalhos também foram desenvolvidos como fruto deste projeto, entre eles: a) dois trabalhos de doutorado, com os títulos “Polivitimização e revitimização em adolescentes: avaliação e consequências para a saúde mental” (Faria, 2015), que apresentou dados importantes acerca da exposição dos adolescentes à violência e as consequências para a sua saúde mental, e “Vitimizção e revitimização em adultos: fatores individuais e sociais” (Campos, 2016), no qual pode-se observar que o impacto da violência atinge toda a população, e não

apenas os adolescentes; b) um trabalho de mestrado, denominado “Violência sexual contra adolescentes e sua relação com outras violências” (Martinho, 2016), cujos dados mostram que a exposição do adolescente a um tipo de violência pode estar relacionado a outras violências cometidas contra o adolescente. Os resultados desses trabalhos fomentaram a pesquisa acerca da percepção do adolescente sobre a violência e como eles a enfrentavam, contribuindo de forma ímpar para a realização desta dissertação.

Este estudo, portanto, originou-se da necessidade de produção de pesquisa sobre o tema e também da indispensabilidade de aprofundamento das questões complexas relacionadas às vivências de violência dos adolescentes, tais como as formas de enfrentamento dos adolescentes goianos frente à exposição a eventos violentos, assim como suas percepções a respeito de tais atos; se a cultura influencia essas vivências e as formas de enfrentamento; se o gênero influencia a maneira como os adolescentes se portam ante as vivências de violência e a consequência dessas exposições nos adolescentes.

A escolha da adolescência como período da vida a ser estudado se deu não apenas pela complexidade das relações nessa faixa etária, mas por ser também um período da vida no qual ocorrem várias mudanças, internas e externas, que preparam os indivíduos para a vida adulta. Entender as questões relacionadas à adolescência abre portas para compreender comportamentos na vida adulta (Reis et al., 2015).

Devido à importância de se estudar e compreender a percepção dos adolescentes acerca da violência a que são expostos e suas estratégias de *coping* diante de tais atos, a presente dissertação tem por objetivo levantar o que a literatura tem produzido sobre adolescentes expostos a vivências de violência e suas estratégias de *coping*. Posteriormente, também procurou compreender como os adolescentes goianos têm

percebido essas vivências, bem como suas estratégias de *coping* perante tais eventos. Para cumprir o objetivo, organizou-se a dissertação em dois capítulos.

O primeiro capítulo, intitulado “Revisão sistemática sobre violência contra adolescentes e estratégias de *coping*”, tem por objetivo realizar um levantamento, na literatura, nos últimos 10 anos, de artigos relacionados com adolescência, violência e *coping*, com a intenção de averiguar o que está sendo produzido sobre o assunto. Trata-se de uma pesquisa de revisão bibliográfica, realizada nas bases de dados Portal de Periódicos CAPES/MEC e Biblioteca Virtual de Saúde – Psicologia (BVS – Psi). Espera-se que, por meio dela, se obtenham informações a respeito do que já existe sobre o tema, pois, por meio desses dados, questões relevantes podem ser levantadas para que se compreenda como adolescentes expostos a vivências violentas se portam e de que maneira enfrentam tais situações.

O segundo capítulo, denominado “O enfrentamento de violência por adolescentes goianos”, tem como finalidade categorizar os problemas descritos pelos adolescentes do estado de Goiás, além de averiguar a existência de correlação entre suas vivências violentas e estratégias de *coping*. Portanto, é um estudo empírico, realizado com 513 adolescentes de escolas públicas de Goiânia de ambos os sexos. Busca-se, com este estudo, compreender como os adolescentes goianos percebem e se portam diante dos eventos violentos aos quais são expostos.

Ante o impacto que a violência tem sobre o desenvolvimento e a saúde dos adolescentes, é importante conhecer como os adolescentes vivenciam e se portam quando expostos a eventos violentos e qual o seu entendimento e percepção sobre o fenômeno (Hines, 2015). A partir dos dados encontrados sobre como os adolescentes goianos percebem e enfrentam as violências sofridas será possível realizar contribuições significativas para a criação de programas de prevenção, promoção e tratamento de

adolescentes expostos a vivências violentas, bem como gerar informações importantes e relevantes sobre os adolescentes e suas vivências.

Há expectativas de que essa dissertação seja um dos primeiros passos para que haja mais estudos voltados para adolescentes expostos a vivências de violência e suas estratégias de *coping* no Brasil, uma vez que acredita-se que só assim haverá uma melhor compreensão de como os adolescentes lidam com esse problema. Espera-se que os resultados encontrados possam fomentar a discussão sobre o tema, além de contribuir para que sejam criados programas e ações de promoção, prevenção e tratamento voltados para os adolescentes, levando em conta as particularidades e complexidades que envolvem esse período do desenvolvimento humano.

### Referências

- Ahmad, S., Ishtiaq, S. M., & Mustafa, M. (2016). The role of sócio-economic status in adoption of coping strategies among adolescents against domestic violence. *Journal of Interpersonal Violence*, 1-20.
- Andrade, S. S. C. A. *et al.* (2012, set.). Relação entre violência física, consumo de álcool e outras drogas e bullying entre adolescentes escolares brasileiros. *Cad. Saúde Pública*, 28 (9), 1725-1736.
- Braun-Lewensohn, O., Sagy, S., & Al Said, H. (2014). Stress reactions and coping strategies among bedouin Arab adolescents exposed to demolition of houses. *Stress Health*, 30, 333- 342.
- Cabral, C. M. T., & Maia, E. M. C. (2012, jan.-dez.). O SUS e a rede de garantia de direitos: estado da arte sobre as publicações científicas concernentes à implantação de serviços de acolhimento a crianças e adolescentes vítimas de violência. *Mudanças – Psicologia da Saúde*, 20 (1-2), 81-88.



- Campos, D. (2016). *Vitimização e revitimização em adultos: fatores individuais e sociais*. Tese de doutorado não publicada, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, Brasil.
- Dahlberg, L. L., & Krug, E. G. (2007). Violência: um problema de saúde pública. *Ciência & Saúde Coletiva*, 11 (sup), 1163-1178.
- Faria, M. R. G. V. (2015). *Polivitimização e revitimização em adolescentes: avaliação e consequências para a saúde mental*. Tese de doutorado não publicada, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, Brasil.
- Hines, L. (2015). Children's coping with family violence: policy and service recommendations. *Journal Child Adolescent Soc Work*, 32, 109-119.
- Maia, L. L. Q. G. N., Araújo, A., & Júnior, A. S. S. (2012). O entendimento da violência escolar na percepção de adolescentes. *Revista Med Minas Gerais*, 22 (2), 166-173.
- Martinho, L. O. P. (2016). *Violência sexual contra adolescentes e sua relação com outras violências*. Dissertação de mestrado não publicada, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, Brasil.
- McGregor, S. L., Melvin, G. A., & Newman, L. K. (2015, june). Familial separations, coping styles and PTSD symptomatology in resettled refugee youth. *The Journal of Nervous and Mental Disease*, 23 (6).
- Mohammad, E. T., Shapiro, E. R., Wainwright, L. D., & Carter, A. S. (2015). Impacts of family and community violence exposure on child coping and mental health. *Journal Abnorm Child Psychology*, 43, 203-2015.
- Penso, M. A., Almeida, T. M. C., Brasil, K. C. T., Barros, C. A. B., & Brandão, P. L. (2010). O atendimento a vítimas de violência e seus impactos na vida de profissionais da saúde. *Temas em Psicologia*, 18 (1), 137-152.
- Programa de Redução da Violência Letal Contra Adolescentes e Jovens (2015). Retirado de [www.prvl.org.br](http://www.prvl.org.br).
- Real, F. G. V. C., & Conceição, M. I. G. (2013). Representações sociais de parlamentares brasileiros sobre a redução da maioria penal. *Psicologia Ciência e Profissão*, 33 (3), 656-671.

- Reis, M. et al. (2015). A escola e a transição para a universidade: idades transacionais e o seu impacto na saúde – notas a partir do estudo hbsc/oms. *Revista Psicologia da Criança e do Adolescente - Child and Adolescent Psychology*, 6 (2), p. 77-92.
- Sá, A. N. P., Rocha, I. A., Moraes, M. N., Braga, L. A. V., Filha, M. O. F., & Dias, M. D. (2012, oct.-dec.). Conflitos familiares abordados na terapia comunitária integrativa. *Revista Eletrônica de Enfermagem* [Internet], 14 (4). Retirado de <http://www.fen.ufg.br/revista/v14/n4/v14n4a06.htm>.
- Schwanck, R. H., & Silva, M. R. S. (2006, set.-dez.). Processos que sustentam o enfrentamento da experiência de abuso sexual na infância: um estudo de caso. *Ciência, Cuidado e Saúde*, 5 (3), 380-388.
- Smith, S. J., & Somhlaba, N. Z. (2015). Post-Apartheid South African Children's coping with daily hassles: relation psychological adjustment. *Journal Chil Family Study*, 24, 1358-1372.
- Unicef Brasil (2015). Retirado de [www.unicef.org/brazil/pt/media\\_28807.htm](http://www.unicef.org/brazil/pt/media_28807.htm).
- Vieira, J. E. S., Oliveira, A. K. A., Moreira, D. P., Pereira, A. S., Catrib, A. M. F. & Lira, S. V. G. (2015). Relatos de gestores da assistência social, educação e segurança pública sobre o enfrentamento da violência. *Caderno Saúde Coletiva*, 23 (3), 231-238.
- Ulturgasheva, O. (2014). Attaining khinem: challenges, coping strategies and resilience among eveny adolescents in northeastern Siberia. *Trascultural Psychiatry*, 51 (5), 632-650.
- Waiselfisz, J. J. (1998). *Mapa da violência*. Os jovens do Brasil. (2015). Brasília: Unesco/Instituto Ayrton Senna.

## CAPÍTULO 1

### **Revisão sistemática sobre violência contra adolescentes e estratégias de *coping***

## Resumo

Atualmente, no Brasil, a violência tem sido tratada como um problema de saúde pública. Tal fenômeno atinge a população como um todo e, portanto, os adolescentes não estão isentos de sofrerem as consequências dessa exposição. Compreender a forma como eles se portam ante tais eventos faz-se necessário para que se possa fazer com que a saúde do adolescente seja vista e tratada de forma integral. Este trabalho teve como objetivo levantar, na literatura dos últimos 10 anos, artigos relacionados com a adolescência, a violência e o *coping*, com a intenção de averiguar o que está sendo produzido sobre o assunto. O estudo foi realizado por meio de pesquisa nas bases de dados eletrônicos do Portal de Periódicos Capes/MEC e da Biblioteca Virtual de Saúde – Psicologia (BVS – Psi). Os termos de busca utilizados foram “*coping*”, “violência” e “adolescente”, em português e em inglês. Desse modo, 40 estudos que contemplavam as três palavras-chaves foram encontrados, mas apenas um deles era brasileiro, enquanto o restante eram estudos internacionais. Temas relacionados com a exposição à violência de adolescentes e suas estratégias de *coping* têm gerado análises em todo o mundo. Contudo, no Brasil, ainda são poucas as investigações sobre o tema. Pode-se constatar que adolescentes estão expostos aos mais diversos tipos de violência e utilizam tanto estratégias de *coping* focadas na emoção quanto aquelas focadas no problema para lidar com as consequências da exposição à violência. Ainda, diversos fatores influenciam as escolhas das estratégias de *coping* pelos adolescentes, como cultura, idade, gênero e o tipo de vivência violenta a qual foi exposto.

Palavras-chaves: violência, adolescentes, estratégias de *coping*.

## Abstract

Currently in Brazil, violence has been treated as a public health problem. This phenomenon affects the population as a whole and, therefore, teens are not exempt from suffering the consequences of such exposure. Understand how they behave at such events is necessary so that you can make the adolescent health is seen and treated holistically. This study aimed to raise, in the literature of the past 10 years, articles related to adolescence, violence and coping with the intention to find out what is being produced on the subject. The study was conducted through research in electronic databases Journals Portal Capes / MEC and the Virtual Health Library - Psychology (BVS - Psi). The search terms used were "coping", "violence" and "teenager" in Portuguese and English. Thus, 40 studies which looked at the three key words were found, but only one was Brazilian, while the rest were international studies. Issues related to exposure to violence in adolescents and their coping strategies have generated analysis worldwide. However, in Brazil, there are few investigations on the subject. It can be seen that adolescents are exposed to various types of violence and use both coping strategies focused on emotion as those focused on the problem to deal with the consequences of exposure to violence. Still, several factors influence the choices of coping strategies by adolescents, such as culture, age, gender and type of violent experiences which was exposed.

Key-words: violence, adolescents, coping strategies.

## **Revisão sistemática sobre violência contra adolescentes e estratégias de *coping***

A violência sempre esteve presente na sociedade, assim como tentativas de combate a tais atos. Seu impacto pode ser mundialmente verificado e manifesta-se de forma diferente em cada cultura (Ahmad, Ishtiaq & Mustafa, 2016; Assis, Avanci, Santos Malaquias & Oliveira, 2004; Cherewick *et al.*, 2015; Dahlberg & Krug, 2007). Apesar de ser um tema complexo e multifacetado, os estudos concentram-se em aspectos específicos, como população, escolaridade, faixa etária, classe social, entre outros (Boxer & Sloan-Power, 2013).

Por se tratar de um assunto complexo e por causar diversas consequências para aqueles que são submetidos a vivências violentas atualmente no Brasil, a violência é tratada como um problema de saúde pública (Cabral & Maia, 2012; Dalberg & Krug, 2007; Vieira, Oliveira, Moreira, Pereira, Catrib, & Lira, 2015). Ainda, por atingir a sociedade, os adolescentes não estão livres dela, sendo a violência contra eles tema de discussão em diferentes áreas do conhecimento (Cabral & Maia, 2012; Kappel, Gontijo, Medeiros & Monteiro, 2014; Maia, Araújo & Júnior, 2012; Vieira, Oliveira, Moreira, Pereira, Catrib, & Lira, 2015; Real & Conceição, 2013; Sá, Rocha, Moraes, Braga, Filha & Dias, 2012). Avanci, Assis, Santos e Oliveira (2005) afirmaram que a prática da violência contra crianças e adolescentes tem crescido em todo o mundo. Nos últimos dez anos, pode-se perceber que ainda é grande o número de casos violentos contra adolescentes em diferentes partes do mundo, o que tem preocupado diversos setores da sociedade (Ahmad, Ishtiaq & Mustafa, 2016; Braga & Lisboa, 2010; Cabral & Maia, 2012; Dalberg & Krug, 2007; Deslandes, Mendes & Luz, 2014; Maia, Araújo & Júnior, 2012; Vieira, Oliveira, Moreira, Pereira, Catrib, & Lira, 2015; Quintana, Montgomery & Malaver, 2009; Souza, 2012).

A noção de adolescência adquire importância no decorrer do século XX, quando esse momento passa a ser encarado como aquele em que o sujeito elabora seu próprio amadurecimento (Gonçalves, Borsoi, Santiago, Lino, Lima & Federico, 2008). Logo, a adolescência aparece, na sociedade moderna, como uma fase intermediária e de transição. Por ser um período marcado por mudanças, passou-se a atribuir a essa fase particularidades negativas e, desse modo, durante anos tendeu-se a pensar a adolescência como um problema social (Santos, Almeida, Mota & Medeiros, 2010).

A escolha da adolescência como período da vida a ser estudado se deu, não apenas pela complexidade das relações nessa faixa etária, mas por ser também um período da vida onde ocorrem várias mudanças, internas e externas, que preparam os indivíduos para a vida adulta. Entender as questões relacionadas à adolescência abre portas para entender comportamentos na vida adulta (Reis et. al., 2015).

Historicamente não existia a “adolescência” como conhecemos nos dias atuais, não por não haver diferenças entre as idades, mas por não haver o estabelecimento de faixas etárias. Somente duas fases do ciclo vital eram contempladas pela sociedade, a infância e a vida adulta, assim quando a pessoa já não era mais criança, tinha responsabilidades e deveres de adulto, fora estabelecido dessa maneira, pois separar as faixas etárias não era um aspecto essencial para a forma como a sociedade estava organizada. Foi a partir da Revolução Industrial, por necessidade de mão de obra especializada, que fossem flexíveis e maleáveis, sem concepção e modos de funcionamento fixos, e com habilidades suficientes para desempenhar as tarefas industriais, que foi então estabelecido um período de preparação para o trabalho, em que o indivíduo era tratado com possibilidades de vir a ser capaz de desenvolver potencial para ser membro de uma comunidade adulta. Assim

começa aparecer o que hoje conhecemos como adolescência, sendo, portanto um fenômeno típico do século XX (Alves, Pedroza, Pinho, Presotti & Silva, 2009).

O termo “adolescência” pode então ser considerado, um termo relativamente novo, sendo utilizado para designar um período no ciclo vital no qual ocorre a intermediação entre a infância e a idade adulta (Macedo et. al., 2011). A adolescência passa a ser vista, então, como um período de preparação, de transição, para a vida adulta, onde ocorrerá a criação de bases para o futuro (Alves et. al, 2009). Vale ressaltar que por mais que nos dias atuais haja uma separação por faixa etária da adolescência, o fenômeno adolescência é muito maior e tem perdurado mais que a faixa etária designada atualmente.

Assim, surge a necessidade de se compreender, de forma integral, as mudanças que ocorrem nesse período do desenvolvimento humano. É nessa etapa da vida que ocorrem as principais mudanças corporais, e nela, que as adaptações a novas estruturas psicológicas e ambientais acontecem. Portanto, a adolescência pode ser vista como uma fase de desenvolvimento constituída por questões socioculturais, sendo de suma importância que se dê atenção às suas diversas características (Alves, Pedroza, Pinho, Presotti & Silva, 2009).

No que diz respeito ao desenvolvimento, é aqui que ocorrem as modificações corporais, como alteração da voz, amadurecimento dos órgãos sexuais, alteração da estatura etc. Devido a tantas mudanças físicas, são necessárias também que aconteçam mudanças psíquicas para lidar com o novo corpo e é por essa razão que há uma inter-relação entre mudanças físicas e psíquicas, gerando intensa demanda de trabalho psíquico no sentido da reestruturação da identidade, para que o sujeito possa se apropriar do processo de transformações a que involuntariamente é submetido (Macedo, Azevedo & Castan, 2010). Os aspectos sociais também influenciam o desenvolvimento do adolescente.

Por ser um período onde a identidade da pessoa está sendo formada, os acontecimentos externos têm grande importância na formação dos conceitos e valores do adolescente (Andrade *et al.*, 2012).

Além de todas as mudanças que ocorrem com os adolescentes, Marcelli (2007) afirma que é nesse período da vida – juntamente com a infância –, transpassado por questões psicossociais, que há mais predisposição dos jovens ao desenvolvimento de psicopatologias, que, somadas a vivências de violência, podem ocasionar sérios prejuízos à saúde do adolescente (Barendregt, Van der Laan, Bongers & Nieuwenhuizen, 2015).

Assim, há necessidade de caracterizar a adolescência, para compreender o aumento da violência contra esse grupo e o aumento de pesquisas relacionadas à violência contra e entre adolescentes (Santos, Almeida, Mota & Medeiros, 2010). Após a instauração do Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 1990), há uma nova perspectiva de visão dos direitos da criança e do adolescente, incluindo os cidadãos desse grupo como sujeitos de direitos em condição peculiar de desenvolvimento (Cabral & Maia, 2012).

Pela complexidade de se entender o que é a violência surge a necessidade de definir cientificamente seus parâmetros, para que se possa generalizar e caracterizar atos violentos. Minayo (1994) explica que a violência trata-se de um complexo e dinâmico fenômeno biopsicossocial e que sua configuração transpassava problemas de política, economia, moral, Direito, Psicologia, relações humanas e institucionais e do plano individual.

Andrade *et al.* (2012) definem violência como o uso intencional da força física ou do poder, de modo real ou em forma de ameaça, autoinfligida, interpessoal ou coletiva, que ocasione ou tenha probabilidade de originar lesão, óbito, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação. Pode ser de natureza física, sexual, psicológica ou privação/ negação. A definição dos autores se baseia na definição da Organização Mundial



de Saúde (OMS, 2002), em Relatório Mundial Sobre Violência e Saúde, que salienta que a violência está sempre associada à intencionalidade do ato, independente do que dela resulte.

Deperon e Pinho (2012) ressaltam que qualquer tipo de violência, por si só, traz prejuízos para o desenvolvimento saudável do adolescente e, no que tange aos direitos dos adolescentes, as violências contra esse grupo propagam as desigualdades sociais e desrespeitam os direitos humanos (Vieira, Oliveira, Moreira, Pereira, Catrib & Lira, 2015).

Infelizmente, ainda testemunha-se, em algumas situações, a normalização e a banalização da violência (Souza, 2012), tornando as situações violentas meros acontecimentos do dia a dia da sociedade, dificultando o acesso aos dados sobre a violência contra o adolescente. Ahmad, Ishtiaq e Mustafa (2016), em estudo sobre a violência doméstica contra adolescentes no Paquistão, levantam como dificuldades para se ter acesso a esses dados: a) a falta de acesso aos órgãos de informação; b) a falta de bancos de dados nacionais confiáveis sobre a violência contra o adolescente; c) a legitimação social e a aceitação de alguns tipos de violência; e d) a consideração da violência doméstica como uma questão familiar privada. No Brasil, apesar de existir o acesso a algumas informações sobre violência em bancos de dados governamentais e não governamentais, ainda há dificuldade para se acessar dados fidedignos sobre a mensuração real da violência e seu impacto na sociedade. Ademais, as dificuldades de acesso a esses dados são as mesmas apresentadas pelos autores do estudo paquistanês.

Apesar da grande diversidade de fatores que envolvem a violência e a adolescência, poucos estudos brasileiros focam nas práticas de enfrentamento adotadas pelos adolescentes para se protegerem de vivências violentas (Santos, Almeida, Mota & Medeiros, 2010). Esse enfrentamento, segundo Diniz e Zanini (2010), é estudado, na literatura em Psicologia, como estratégias de enfrentamento a problemas, ou *coping*.

Segundo Ahmad, Ishtiaq e Mustafa (2016), o *coping* é uma construção multifacetada, sendo um ponto importante para a intervenção quando se estuda a saúde do adolescente.

Os estudos sobre *coping* ganharam visibilidade principalmente com Lazarus e Folkman (1984). A partir de então, diferentes trabalhos foram realizados e publicados, associando as estratégias de enfrentamento com as vivências diárias.

O *coping* pode, então, ser compreendido como o processo pelo qual ocorrem constantes mudanças cognitivas e comportamentais para gerenciar as demandas externas e/ou internas específicas, que são avaliadas como estressoras ou que esgotam os recursos da pessoa para lidar com a situação, destinadas a dominar, a tolerar ou a reduzir as demandas conflituosas (Lazarus & Folkman, 1984). Leaper, Brown e Ayres (2013) afirmam que, quando uma situação é estressante, é preciso que, para lidar com ela de forma eficaz, inicialmente ocorra, por parte da pessoa, uma avaliação cognitiva, que reconheça o quanto a situação é estressante para, depois, estabelecer-se uma avaliação de como lidar com a situação, avaliando os custos e os benefícios. Esses eventos são nomeados de avaliação primária e avaliação secundária.

Nessa perspectiva, para que haja o processo de *coping* são essenciais quatro conceitos básicos: 1º) o *coping* sempre ocorre entre o indivíduo e o ambiente; 2º) a função do *coping* é administrar a situação estressora; 3º) para que ocorra o processo de *coping*, conjectura-se que o indivíduo tenha percebido, interpretado e representado cognitivamente a situação avaliada como estressante; e 4º) para que o processo de *coping* aconteça há a necessidade de mobilizar esforços cognitivos e comportamentais para administrar o evento estressante (Diniz & Zanini, 2010). Os processos de avaliação e *coping* são compreendidos como processos transacionais, na medida em que existe uma constante interação entre o indivíduo e o ambiente, constantemente em mudança (Dias, Rodriguez & López-Sanchez, 2015).

Para lidar com as vivências violentas, os adolescentes empregam diferentes estratégias de enfrentamento, tanto comportamentais quanto cognitivas. No entanto, para reconhecer um evento como estressor, há uma primeira avaliação cognitiva por parte do indivíduo, para, em seguida, estabelecer-se a forma de lidar com a situação (Smith & Somhlaba, 2015).

Há duas formas de estratégias de *coping* que podem ser utilizadas para lidar com o evento estressor, a saber: as focadas nos problemas e as com ênfase na emoção, podendo ambas serem tanto cognitivas quanto comportamentais (Ahmad, Ishtiaq & Mustafa, 2016; Smith & Somhlaba, 2015). A utilização de uma estratégia de *coping* não impossibilita o uso de outra. Assim, adolescentes expostos à violência podem utilizar diferentes estratégias de *coping*, ao mesmo tempo, para lidar com as situações estressantes (Hines, 2015).

Diferentes fatores intervêm na escolha da estratégia de *coping* pelos adolescentes. A avaliação primária é influenciada por diferenças individuais em áreas como a capacidade cognitiva, o desenvolvimento social e os fatores situacionais e ambientais, exercendo papel central no que é experimentado como estressante pelo adolescente e intervindo em como lidar com o evento estressor.

Perante a complexidade dos fenômenos envolvendo violência, adolescentes e *coping*, surge a necessidade de se conhecer mais sobre o tema, pois isso tornará possível uma compreensão adequada e global sobre esses fenômenos, além de contribuir para que adolescentes vítimas de violência sejam capazes de (re)construir uma trajetória positiva. Para além disso, entender as estratégias de enfrentamento de adolescentes à violência contribui para a promoção de sua saúde. Assim, este trabalho teve como objetivo levantar, na literatura dos últimos 10 anos, artigos relacionados com a adolescência, a violência e o *coping*, com a intenção de averiguar o que se tem produzido sobre o assunto.

## Método

O estudo foi realizado por meio de pesquisa às bases de dados eletrônicos Portal de Periódicos Capes/MEC e Biblioteca Virtual de Saúde – Psicologia (BVS – Psi), tendo sido considerados os estudos realizados entre janeiro de 2006 e março de 2016. Os termos de busca utilizados foram “*coping*”, “violência”, “violence” “adolescente” e “adolescent”.

### Procedimentos

Após o levantamento dos documentos, houve uma seleção dos títulos e dos resumos, de forma a determinar quais manuscritos fariam parte da pesquisa. Para ser selecionado, esses manuscritos deveriam atender aos critérios de inclusão, a saber: a) conter os três temas abordados, ou seja, adolescência, violência e *coping*; b) as estratégias de enfrentamento precisavam estar relacionadas com a definição de *coping*; c) teria que abordar pelo menos parte da adolescência, mesmo que também estudasse a infância e a fase adulta; d) a publicação deveria estar entre os anos de 2006 e 2016.

Os critérios de exclusão dos manuscritos foram: a) está relacionado a apenas uma palavra-chave; b) não apresentava a metodologia utilizada; c) se repetia em dois ou mais bancos de dados.

Como resultado da busca inicial, foram identificados 273 manuscritos. Destes, 105 abordavam apenas adolescência e violência, 37 tratavam apenas sobre adolescência e *coping*, 29 dissertavam apenas a respeito de violência e *coping*, 12 se ocupavam das estratégias de enfrentamento, mas não estavam relacionados à definição de *coping*, por fim, 17 deles tinham como amostra populações que não contemplavam a definição de adolescência (indivíduos com idades entre 12 e 18 anos). Assim, foram selecionados 73

títulos para serem lidos na íntegra. Após essa etapa, descobriu-se que 23 manuscritos se repetiam em mais de uma base de dados, 7 não apresentavam as metodologias utilizadas na pesquisa e 3 estavam relacionados apenas com uma das palavras-chaves. Desse modo, ao final foram selecionados 40 artigos das bases de dados que contemplavam todos os critérios de inclusão e exclusão. Os artigos deveriam ter sido publicados em periódicos, pois, nesta pesquisa, não foram contemplados teses, dissertações e livros. Poderiam ser inclusos artigos de revisão bibliográfica e pesquisas. Ademais, os estudos selecionados foram publicados em português, inglês ou espanhol.

Após a seleção dos documentos, foram analisados: os países em que ocorreram as publicações; as formas de violência às quais os adolescentes foram expostos nos estudos; a exposição dos adolescentes à violência, ao *coping* e à cultura; os efeitos da exposição à violência nos adolescentes; a exposição dos adolescentes à violência e suas estratégias de *coping*; a exposição à violência, *coping* e idade; exposição à violência, *coping* e gênero.

### **Resultados e Discussão**

Dos 40 artigos inclusos na pesquisa, foram encontradas pesquisas realizadas em: Uganda (2), Brasil (1), Estados Unidos da América (16), Países Árabes (3), Israel (6), Peru (1), Finlândia (2), El Salvador (3), Canadá (1), Sibéria (1), África do Sul (1), Austrália (1), Congo (1) e Paquistão (1). Esse resultado vai de encontro com o pensamento dos autores Assis, Avanci, Santos, Malaquias e Oliveira (2004) e Dahlberg e Kurug (2007), que afirmam que a violência tem seu impacto mundialmente verificado.

Os resultados foram organizados seguindo algumas categorizações levantadas. São elas: 1) tipos de violências; 2) exposição do adolescente à violência e à cultura; 3) efeitos da exposição do adolescente a vivências violentas; 4) estratégias de *coping* utilizadas por

adolescentes expostos a vivências violentas; 5) violência, *coping* e idade; e 6) violência, *coping* e gênero.

## 1) Tipos de violências

Diversas formas de violência contra o adolescente foram estudadas, como: exposição à violência (8), violência doméstica (5), violência entre pares e envolvimento em gangue (10), violência comunitária (4), conflitos de guerra e terrorismo (6), abuso sexual e assédio sexual (2), maus-tratos e ser sequestrado e mantido em cativeiro (2), e violência psicológica e testemunho de violência (3).

### 1.1) Exposição à violência

No que diz respeito à exposição dos adolescentes à violência, todos os oito artigos encontrados (Boxer & Sloan-Power, 2013; Câmara, Sarriera & Carlotto, 2007; ; Cherewick *et al.*, 2015; Giacaman, Harry, Saab, Ayra & Boyce, 2007; Logan-Greene, Nurius & Thompson, 2012; Ulturgasheva, 2014; Williams, Aiyer, Durkee & Tolan, 2014) salientam que a exposição à violência pode trazer sérios prejuízos físicos, cognitivos e psicológicos, para o desenvolvimento dos adolescentes. Ainda, ressaltam a importância de se estudar sobre as estratégias de *coping* usadas pelos adolescentes para lidarem com as vivências às quais são expostos. Giacaman, Harry, Sabb, Arya e Boyce (2007) afirmam que a violência contra os adolescentes devem ser estudada tanto individual quando coletivamente, pois seus efeitos podem ser os mais diversos. Os autores Câmara, Sarriera e Carlotto (2007), Logan-Greene, Nurius e Thopson (2012), Boxer e Sloan-Power (2013) e Williams, Aiyer, Durkee e Tolan (2014) expõem que, para lidar com eventos estressantes (ser expostos à violência), os adolescentes podem utilizar estratégias de *coping* que representam fatores de proteção ou de risco para o seu desenvolvimento. Contudo, esse

tema é bastante complexo, pois requer uma análise aprofundada dos fatores que determinam o uso de cada uma delas.

## 1.2) Violência doméstica

Dos cinco estudos de violência doméstica encontrados, todos concluíram que os adolescentes expostos a esse tipo de violência utilizam uma gama de estratégias de *coping* focadas tanto no problema quanto na emoção para lidar com a situação. Os autores Kaye, Ekstro, Johansson, Bantebya e Mirembe (2007), Aymer (2008), Lepistö, Ted-Kurki, Joronen, Luukkaala e Paavilainen (2010), Hines (2015) e Ahmad, Ishtiaq e Mustafa (2016) afirmaram que as escolhas de estratégias de *coping* pelos adolescentes são influenciadas pelo ambiente no qual estão inseridos. Dessa maneira, a inserção em ambientes em que ocorre violência doméstica influencia a estratégia de *coping* adotada pelo adolescente para lidar com a situação estressante.

Aymer (2008) conclui que os problemas comportamentais notados nos adolescentes, às vezes vistos como patologias, podem ser meios adaptativos para lidar com a violência doméstica. O autor também ressalta que a violência testemunhada e perpetrada por eles é, em algumas situações, replicada nos próprios relacionamentos dos adolescentes. Lepistö *et al.* (2010) explicam, em seu estudo, que vítimas de violência doméstica não procuram ajuda e cuidados e explicam que estão satisfeitos com a vida, o que dificulta identificar meios que possibilitem maneiras saudáveis de lidar com a situação.

Hines (2015) afirma que é preciso quebrar o ciclo da violência quando se trata de adolescentes vítimas de violência doméstica, expandindo os serviços de informação e educação sobre a violência e suas formas de enfrentamento. Ahmad, Ishtiaq e Mustafa (2016), em estudo realizado com adolescentes paquistaneses, afirmam que o uso de estratégias de *coping* pode ser influenciado pelo aumento crescente do conhecimento e da

diminuição da violência no âmbito familiar. Portanto, os programas de intervenção devem ser focados em intervenções cognitivo-comportamentais de curto prazo, que visem neutralizar as emoções negativas antes que apareçam reações comportamentais adversas.

### 1.3) Violência entre pares e envolvimento em gangue

No que diz respeito à exposição dos adolescentes, a violência entre pares diversos foi o tipo de violência cometida contra o adolescente, variando de leve – como empurrar, por exemplo – a assalto com uma faca ou arma (Quintana, Montgomery & Malaver, 2009; Windle & Mrug, 2014). Outro achado importante foi a violência entre pares no namoro, aparentemente bem comum entre os adolescentes, o que pode indicar uma repetição das vivências violentas às quais os adolescentes são expostos (Chronister, Marsiglio, Linville & Lantrip, 2014; Windle & Mrug, 2009).

Beeri e Lev-Wiesel (2012) concluíram que adolescentes vítimas de violência entre pares que relataram rejeição tinham níveis mais elevados de estresse e menos recursos pessoais para lidar com a situação. Brandy, Tschann, Pasch, Flores e Ozer (2009) afirmaram que adolescentes expostos à vivências violentas entre pares com menos recursos pessoais para lidar com a situação faziam mais uso de álcool e tabaco. Independente de onde a violência entre pares contra o adolescente aconteça, é necessário identificar os precursores do desenvolvimento no início da adolescência e concentrar os esforços de prevenção em componentes que auxiliem o aumento de recursos pessoais individuais para lidar com tais vivências.

No estudo de Goebert *et al.* (2012), foi constatado que a influência dos pares é mediada totalmente pelo ambiente escolar, que pode ser, portanto, um ambiente em que se possa concentrar esforços para a criação de ações que fomentem o aumento de recursos pessoais para lidar com a exposição a vivências violentas praticadas entre os pares.



No que tange ao envolvimento de adolescentes em gangue e, conseqüentemente, à exposição a várias vivências violentas, em estudos realizados com adolescentes em El Salvador pode-se averiguar que estratégias de *coping* ligadas à religião estavam relacionadas com o menor uso e abuso de drogas e comportamentos delinquentes entre os adolescentes (Salas-Wrigh, Olate & Vaugh, 2013a; Salas-Wrigh, Olate & Vaugh, 2013b; e Salas-Wrigh, Olate, Vaugh & Tran, 2013).

#### 1.4) Violência comunitária

Nos estudos sobre exposição do adolescente à violência comunitária, diversos foram os tipos de violência aos quais os adolescentes foram expostos. No estudo de Voisin, Bird, Hardestry e Shi Shiu (2011), os meninos relataram mais exposição à violência como vítimas ou testemunhas, enquanto as meninas eram mais propensas a ouvir sobre atos violentos; eles relataram mais estratégias de *coping* de confronto, enquanto elas utilizaram mais estratégias de *coping* de evitação.

Pode-se averiguar também que os adolescentes com estratégias de enfrentamento mais eficazes tendiam a responder à exposição à violência comunitária de forma mais benéfica (solucionavam os problemas e engajavam-se em reavaliação positiva), enquanto os adolescentes com menos recursos pessoais apresentavam mais comportamento violento e menos estratégias de enfrentamento eficazes (Brandy, Gorman-Smith, Henry & Tolan, 2008).

Kliewer e Sullivan (2008) afirmam que adolescentes expostos à violência comunitária com menos estratégias de enfrentamento eficazes possuíam mais problemas de ajustamento à comunidade. A violência comunitária foi associada também a maiores níveis de ansiedade e agressividade. O *coping* focado na emoção pareceu desempenhar um

papel protetor para a saúde mental dos adolescentes expostos à violência comunitária (Mohammad, Shapiro, Wainwright & Carter, 2015).

#### 1.5) Conflitos de guerra e terrorismo

No que diz respeito a adolescentes expostos à violência de conflitos de guerra e suas consequências, os cinco estudos encontrados tinham como amostra adolescentes moradores de países do Oriente Médio. Todos objetivavam estudar a exposição de adolescentes à violência em decorrência da guerra e as estratégias de *coping* utilizadas pelos adolescentes. Apresentaram mais níveis de estresse aqueles que foram expostos a eventos agudos de estresse; os que viviam a violência de forma crônica apresentaram níveis mais baixos de estresse (Braun-Lewensohn & Sagy, 2011; Braun-Lewensohn, Sagy & Al Said, 2014; Braun-Lewensohn, Sagy, Sabato & Galili, 2013; McGregor, Melvin & Newman, 2015; Pat-Horenczyk *et al.*, 2009). As estratégias de *coping* utilizadas pelos adolescentes foram igualmente relacionadas no grupo de adolescentes expostos a eventos crônicos de violência e no grupo de adolescentes expostos a eventos agudos de violência. Os adolescentes utilizaram mais estratégias de *coping* focadas na emoção para lidar com a ansiedade, a angústia e a raiva (Braun-Lewensohn, Sagy & Said, 2014; McGregor, Melvin & Newman, 2015). Senso de coerência e esperança foram consideradas estratégias de *coping* utilizadas pelos adolescentes como moderadoras do nível de estresse nos adolescentes (Braun-Lewensohn & Sagy, 2011; Braun-Lewensohn *et al.*, 2013).

Em estudo realizado por Yablon, Itzhaky e Pagorek-Eshel (2011) com adolescentes vítimas de terrorismo foi constatado que adolescentes com baixo nível socioeconômico apresentavam mais sintomas psicopatológicos e menos estratégias de enfrentamento do que adolescentes com melhor nível. Os autores afirmam que essas diferenças são causadas por questões individuais e por uma falta de recursos sociais que impossibilitam que os

adolescentes com baixo nível socioeconômico obtenham recursos disponíveis, que são limitados, para lidar com as novas exigências que a situação de terrorismo exige.

#### 1.6) Abuso sexual e assédio sexual

No estudo de Bal, Crombez, Bourdeaudhij e Oost (2009), foi constatado que a maneira como as adolescentes abusadas sexualmente percebem e avaliam o abuso vai influenciar na forma como se adaptarão às situações diárias. Aquelas que avaliaram o abuso como mais ameaçador apresentaram sintomas de trauma tanto externalizados como internalizados. Além disso, as adolescentes em que as avaliações consideravam o abuso como mais negativo mostraram uso mais frequente da estratégia de *coping* de evitação e as que avaliavam o abuso como menos negativo utilizavam estratégias de *coping* mais ativas.

No que diz respeito a adolescentes vítimas de assédio sexual, fatores socioculturais, interpessoais, do desenvolvimento e individuais influenciarão na forma como as avaliações cognitivas acontecem e também nas respostas de enfrentamento utilizadas por adolescentes vítimas de abuso sexual. Formas de enfrentamento focadas no apoio dos pares, na tomada de perspectiva, no confronto do ato e na busca de apoio são consideradas formas de enfrentamento que minimizam os impactos da experiência do abuso sexual (Leaper, Brown & Ayres, 2013).

#### 1.7) Maus-tratos e ser sequestrado e mantido em cativeiro

Em relação aos maus-tratos investigados no estudo de Elzy, Clark, Dollard e Hummer (2013), houve forte associação entre essa exposição violenta e os sintomas de Estresse Pós-Trauma. Os resultados apontaram que adolescentes que mais usaram as estratégias de *coping* de esquiva apresentaram menores níveis de estresse, o que difere das

pesquisas realizadas com adultos. Segundo os autores, esse fenômeno acontece porque os adolescentes têm pouco controle sobre os diversos fatores de estresse em suas vidas.

Adolescentes sequestrados e mantidos em cativeiro no Norte de Uganda utilizaram como estratégias de *coping* a vigilância, a obediência absoluta, a cooperação com os seus captores, a oração e a esperança, a negação, a transferência da culpa para o outro, a preparação para fugir, a resiliência e a perseverança, de maneira a lidarem com as situações de violência às quais estavam expostos diariamente (Amone-P'Olak, 2007).

#### 1.8) Violência psicológica e testemunho de violência

Gagné e Melançon (2013) estudaram as estratégias de *coping* de adolescentes vítimas de violência psicológica parental e os problemas de comportamento resultantes da exposição a esse tipo de violência. As autoras concluíram que ambos os sexos utilizam uma grande variedade de estratégias de *coping*, porém, usam ainda mais estratégias de escape para lidar com esse tipo de vivência violenta. Isso acontece porque a situação é percebida como incontrolável e é preferível não lidar com ela, uma vez que os adolescentes se sentem impotentes. Outros resultados apontados por elas foi que a utilização de *coping* de evitação esteve relacionada a um aumento de problemas de comportamento entre as meninas, enquanto estratégias de *coping* de aproximação foram relacionadas a um aumento de problemas comportamentais nos meninos.

Smith e Somhlaba (2015) afirmaram que adolescentes vítimas de violência psicológica que mantinham uma combinação de várias estratégias de enfrentamento tinham uma previsão de melhor ajustamento psicossocial. Além disso, para eles, as estratégias de evitação, geralmente associadas a uma má adaptação, foram relacionadas a um melhor ajustamento em adolescentes que avaliavam a violência psicológica como

pouco estressora, indicando que essa estratégia pode servir como um amortecedor sob condições de baixo estresse percebido.

Em estudo realizado com adolescentes testemunhas de atos violentos, houve respostas de utilização de estratégias de *coping* diferentes entre os adolescentes, bem como poucas interações entre ser testemunha da violência e do gênero. Ainda, foi constatado que as emoções estavam relacionadas com a escolha das estratégias de *coping* utilizadas pelos adolescentes, estando entre as respostas emocionais mais comuns o medo e a raiva. As estratégias de *coping* utilizadas pelos adolescentes foram: enfrentamento agressivo; desculpas; abster-se de ser fisicamente agressivo; ignorar; buscar apoio social; e, por fim, a evitação, que foi a estratégia de *coping* que mais foi relatada pelos adolescentes (Reid-Quiñones, Kliwer, Shields, Goodman, Ray & Wheat, 2011).

Reid-Quiñones et al. (2011) explicam também que adolescentes testemunhas de atos violentos onde foram ameaçados estavam mais preocupados com os danos causados a outros e com a ameaça da perda de relacionamento. Aqueles que testemunharam atos violentos sem ameaça estavam mais preocupados com a avaliação negativa das outras pessoas e com a autoavaliação negativa, além de possuírem um maior desejo de se vingar. Os autores concluíram que, em geral, enfrentamentos ativos, quando acompanhados pela regulação emocional e por comportamentos adequados, estão associados com uma melhor saúde mental. Por sua vez, o enfrentamento agressivo é associado com o desajuste comportamental e emocional.

## 2. Exposição do adolescente à violência e à cultura

Os resultados da pesquisa apontam que, quando se estuda a violência contra o adolescente, sempre se estabelece um contexto cultural ao qual o adolescente está inserido, para que os resultados se refiram aos adolescentes daquele contexto específico. Assim,

cada cultura vivencia os impactos da violência de maneiras diferentes (Ahmad, Ishtiaq & Mustafa, 2016).

Dos 40 artigos incluídos na pesquisa, 10 deles tiveram como amostras adolescentes que vivem em contexto de guerra ou conflito. Por viverem em situações peculiares, esses adolescentes, além de todos os aspectos culturais já comuns à comunidade, passaram a ter como parte de sua cultura o viver em contato direto com a guerra, os conflitos e suas consequências (Braun-Lewensohn *et al.*, 2013). Viver em situação de guerra é estar constantemente exposto a eventos violentos e muitas vezes as consequências disso são vivenciadas coletivamente, como repercussão de uma falta de segurança da comunidade, e não apenas individualmente (Giacaman *et al.*, 2007). Braun-Lewensohn *et al.* (2013) afirmaram que ser exposto a uma ruptura em um valor de sistema e estar em condição de vida instáveis e caóticas podem enfraquecer os recursos individuais e a capacidade de perceber e administrar as consequências as quais são expostos.

Outro aspecto importante encontrado na pesquisa foi que, do total de 40 artigos, 16 tiveram como amostras adolescentes norte-americanos. Chama a atenção o fato de que, nos resultados neles apresentados, os adolescentes encontravam-se divididos em grupos étnicos. Isso evidencia que, por mais que todos tivessem nascidos nos Estados Unidos da América, estavam distribuídos conforme os grupos culturais aos quais eles e suas famílias pertenciam. Essa divisão era feita apenas para caracterizar a amostra, pois, nos resultados da maioria dos artigos, não foram estabelecidas análises a respeito das diferenças étnicas.

Williams *et al.* (2014) afirmam que ter uma conexão com a própria herança étnica é considerado um fator de proteção diante da exposição à violência, podendo operar de forma diferente em cada grupo. Os aspectos culturais podem ser tanto fatores de risco como de proteção para a exposição dos adolescentes a eventos violentos. Diz-se que é fator de risco quando a violência passa a ser culturalmente aceita e normalizada pela sociedade,

bem como quando se dissocia ou exclui o adolescente do grupo étnico; em relação aos fatores de proteção, eles ocorrem quando associados com o orgulho de pertencer ao grupo, com a aprovação dos atos por parte da sociedade e com a conexão com o grupo étnico (Williams *et al.*, 2014).

Brandy *et al.* (2009) salientavam a importância de se estudar os efeitos da exposição à violência de adolescentes levando em consideração sua etnia, tendo ressaltado que havia fortes associações entre pertencer a um grupo étnico e as consequências da exposição à violência. Os autores afirmam que o ambiente no qual o adolescente está inserido pode oferecer menos ou mais oportunidades de acesso a estratégias de *coping*, o que lhe impossibilita fazer avaliações cognitivas que fomentem os fatores de proteção. Eles ressaltam que ter acesso a meios que possibilitem estratégias de *coping* cognitivas e comportamentais contribui para respostas positivas em relação à saúde do adolescente em longo prazo. Os resultados desse estudo apontaram que adolescentes mexicano-americanos se envolviam menos em uso e abuso de substâncias e mais em vivências violentas.

Os contextos social e cultural têm grande impacto no funcionamento psicológico e no bem-estar do adolescente, influenciando a escolha das estratégias de *coping* utilizadas pelo adolescente (Cherewick *et al.*, 2015). Os aspectos socioculturais e o ambiente político no qual os adolescentes estão inseridos apresentam desafios que podem ameaçar o desenvolvimento e o bem-estar dos adolescentes, portanto, compreender o que é considerado estressante nessa etapa da vida é essencial para entender como ocorrem as escolhas de estratégias de *coping* por parte dos adolescentes que vivem em contextos violentos (Smith & Somhlaba, 2015).

Assim, entender o contexto e o tipo de violência aos quais o adolescente é exposto é de extrema importância, uma vez que a cultura pode influenciar na escolha da estratégia de *coping* utilizada pelo adolescente, propiciando a compreensão do porquê uma estratégia

de *coping* pode ser eficaz em um contexto e em outro não (Mohammed *et al.*, 2015). Cherewick *et al.* (2015) afirmam que considerar o contexto cultural diante das estratégias de *coping* utilizadas pelos adolescentes é essencial para entender a profundidade dos significados empregados por eles para motivar a utilização específica da estratégia de *coping*, levando em conta os efeitos positivos e negativos acarretados.

### 3. Efeitos da exposição à violência nos adolescentes

As consequências da exposição à violência de adolescentes podem ser diversas, sendo difíceis de serem mensuradas e acompanhadas ao longo da vida, uma vez que podem ser muito maiores que as consequências expostas inicialmente (Braun-Lewensohn & Sagy, 2011; Boxer & Sloan-Power, 2013; Hines, 2015; Pat-Horenczyk *et al.*, 2009). Segundo Pat-Horenczyk *et al.* (2009), adolescentes são mais propensos a apresentar queixas psicossomáticas e comorbidades, uma vez que tendem a não compartilhar seus sentimentos e a minimizar suas angústias.

Boxer e Sloan-Power (2013) explicam que os efeitos da exposição de adolescente à violência são abrangentes e devastadores para o desenvolvimento, uma vez que isso afeta múltiplas áreas simultaneamente. Os resultados apontam que essa exposição está ligada constantemente a uma grande gama de problemas psicológicos e comportamentais, como estresse pós-traumático, ansiedade, depressão, uso de substâncias, comportamentos anti-sociais, comportamentos agressivos, dificuldades de aprendizagem, entre outros. Boxer e Sloan-Power (2013) advertem que dados evidenciam os impactos negativos da exposição do adolescente à violência, porém, tais impactos têm ultrapassado a capacidade da teoria atual para explicar seus efeitos e suas consequências diante dos múltiplos efeitos que a violência pode ter para cada adolescente.



Hines (2015), em estudo feito com 17 artigos, cujo tema eram as estratégias de *coping* dos adolescentes expostos à violência familiar, publicados entre 1991 e 2012, concluiu que, quando existem questões voltadas para os efeitos da exposição do adolescente à violência, tem de se considerar que nem todos os adolescentes serão igualmente afetados. A autora destaca que o impacto da violência e seus efeitos dependem de diversos fatores, como o tipo de violência, a frequência e a intensidade da violência e a extensão da exposição do adolescente, bem como as experiências e particularidades de cada um.

A exposição do adolescente à violência pode causar diversos efeitos prejudiciais ao desenvolvimento do adolescente. Assim, seria muito simplista querer compreender a extensão de tais efeitos conhecendo apenas o ato violento ao qual o adolescente foi exposto. Por isso, há de se estudar a violência contra os adolescentes levando em consideração os mais diferentes e diversos fatores, tanto externos quanto internos, que possam influenciar o modo como o adolescente vivência e se porta ante os atos violentos. Nesse estudo, diversas foram as formas utilizadas pelos autores para estudar as estratégias de *coping* dos adolescentes expostos à violência.

#### 4. *Estratégias de coping*

Os resultados mostram que todos os autores encontrados salientam a importância de se compreender a maneira como os adolescentes reagem diante de eventos violentos, para, então, entender quais são as estratégias de *coping* utilizadas por eles para lidar com tais situações. Adolescentes vítimas de vivências violentas tendem a usar uma variedade de complexas estratégias de *coping* para lidar com a situação (Elzy *et al.*, 2013; Hines, 2015). Simith e Somhlaba (2015) expõem que a utilização de uma combinação de estratégias de *coping* seria um melhor preditor de ajustamento psicossocial do que o uso predominante de

uma resposta de enfrentamento específica. Assim, eles sugerem que adolescentes que utilizam uma variedade de diferentes estratégias de *coping* em resposta a um evento estressante particular, como ser exposto a vivências violentas, apresentam mais respostas eficazes de adaptação.

No presente estudo, pode-se averiguar que os adolescentes utilizaram várias estratégias de *coping* para lidar com as situações de violência. Houve o uso de estratégias positivas e negativas, entre elas receber apoio social, dizer a um adulto, receber ajuda de terceiros, encontrar um lugar tranquilo para se acalmar e organizar os pensamentos, fantasia, crenças religiosas, escrever em um diário, praticar esportes, ir à igreja, ler, buscar apoio na família ou na sociedade, tentar esquecer, se isolar, resolver o problema, beber, prostituir-se, roubar, brigar em busca de vingança, envolver-se com a violência e com atividades criminosas, casar-se precocemente para evitar novos traumas. Apesar de usar diferentes estratégias para lidar com as situações violentas, constata-se que os adolescentes usaram mais estratégias de *coping* focadas na emoção para lidar com as consequências da exposição à violência (Ahmad, Ishtiaq & Mustafa, 2016; Braun-Lewensohn, Sagy & Said, 2014).

Os resultados do estudo de Hines (2015) apontaram que adolescentes que usaram apoio emocional, resolução do problema, distanciamento do conflito, redefinição cognitiva e estratégias de autorregulação emocional mostram melhor adaptação ao ambiente. Contudo, os maiores usos de estratégias de *coping* focadas na emoção estavam associados negativamente a sintomas de psicopatologias (Cherewick *et al.*, 2015). Adolescentes que fazem uso dos dois conjuntos de estratégias de *coping* – as focadas na emoção e as focadas no problema – são mais ativos e possuem uma gama mais ampla de estratégias, o que lhes permite enxergar os problemas de várias perspectivas diferentes (Ahmad, Istiaq & Mustafa, 2016).

Smith e Somhlaba (2015) afirmam que, embora a experiência de cada adolescente, a exposição à situação violenta e suas estratégias de *coping* sejam únicas, existem certos padrões na escolha das estratégias de *coping* por eles. Segundo os autores, os adolescentes primeiro adquirem e utilizam mais as estratégias de *coping* comportamentais, para, depois, desenvolver as cognitivas. Esse fenômeno está relacionado à sua falta de maturidade.

#### 5. Exposição à violência, *coping* e idade

A idade tem associação significativa na escolha de estratégias de *coping*. Assim, mudanças na utilização das estratégias de *coping* foram observadas com o aumento da idade em ambos os sexos (Ahmad, Ishtiaq & Mustafa, 2016). Às vezes, pela falta de maturidade dos adolescentes, eles utilizam estratégias de *coping* sem compreender o seu real significado, o que pode acarretar diversos prejuízos para a sua saúde, e quanto mais novos, maior a probabilidade desse fenômeno acontecer (Cherewick *et al.*, 2015).

#### 6. Exposição à violência, *coping* e gênero

Os resultados apontaram que o gênero pode influenciar na escolha de estratégias de *coping* dos adolescentes expostos a eventos violentos (Reid-Quiñones *et al.*, 2011; Yablon, Itzhaky & Pagorek-eshel, 2011). Ahmad, Istiaq e Mustafa (2016) explicam que as meninas tendem a usar mais estratégias de *coping* focadas na emoção, dado também encontrado no estudo de Reid-Quiñones *et al.* (2011), para quem as meninas tendem a buscar mais apoio social. Yablon, Itzhaky e Pagorek-eshel, (2011) concluíram que elas apresentavam mais sintomas psicopatológicos que eles quando expostas a vivências violentas. Os meninos tendem a usar mais estratégias de *coping* focados no problema (Ahmad, Istiaq & Mustafa, 2016). Yablon, Itzhaky e Pagorek-eshel, (2011) ressaltam que os meninos, quando têm recursos disponíveis, tendem a usá-los com mais eficiência, o que lhes permite sentir-se

menos ameaçados. Contudo, apesar de destacarem a importância do gênero na escolha das estratégias de *coping*, poucos estudos se aprofundaram no tema. Gagné e Melaçon (2013) afirmam que a relação entre as diferenças de gênero e o uso de estratégias de *coping* ainda é inconsistente.

### **Conclusão**

Em suma, o presente estudo demonstrou que, por meio dos dados encontrados, pode-se compreender as maneiras como os adolescentes enfrentam situações violentas, utilizando os mais variados tipos de estratégias de *coping* para lidar com as vivências violentas (Ahmad, Ishtiaq & Mustafa, 2016; Bal *et al.*, 2009; Boxer & Sloan-Power, 2013; Brau-Lewensohn & Sagy, 2011; Cherewick *et al.*, 2015; Farrel *et al.*, 2008; Gagné & Melaçon, 2013; Goerbert *et al.*, 2012; Kaye *et al.*, 2007; Lepistö *et al.*, 2010; Ulturgasheva, 2014), fornecendo importantes informações e características dos adolescentes que podem aumentar o risco de desenvolvimento de possíveis psicopatologias. Braun-Lewensohn *et al.* (2013) afirmam que mesmo adolescentes que foram vítimas de eventos muito estressantes, como de vivência violenta, podem, em longo prazo, ser reabilitados e se manterem saudáveis.

Acredita-se que, pela promoção de habilidades de enfrentamento adaptativas, os adolescentes podem lidar melhor com as consequências das vivências violentas. Os dados encontrados podem ser úteis na concepção e na implementação de programas eficazes de promoção, prevenção e intervenção para os adolescentes expostos a situações violentas.

A promoção de habilidades de enfrentamento adaptativas abrange uma gama de diferentes estratégias de *coping*, que desempenham significativo papel na promoção de saúde e bem-estar do adolescente (Chronister *et al.*, 2014). Assim, ao implantar programas

voltados para os adolescentes, é importante que se ensine uma ampla variedade de estratégias de *coping* cognitivas e comportamentais, de acordo com a capacidade de cada um, para que as respostas diante de eventos violentos possam ser eficazes (Gagné & Melançon, 2013; Smith & Somhlaba, 2015).

A singularidade desta pesquisa se dá, em especial, pela população da amostra de adolescentes, uma etapa muitas vezes negligenciada pela sociedade e vista como um período do ciclo vital difícil de lidar. Poder compreender a forma como adolescentes em todo o mundo têm se portado diante de situações de violência se mostrou de grande valia para o entendimento de mais um aspecto dessa fase da vida muitas vezes negligenciado e tratado como um problema para a população. A partir do conhecimento adquirido, acredita-se que se possa ajudar a quebrar o ciclo da violência e expandir o conhecimento para o tratamento de adolescentes vítimas de situações violentas.

As limitações da pesquisa se deram, principalmente, pela falta de artigos relativos aos adolescentes brasileiros. Assim, a maior parte dos dados obtidos foi de populações de adolescentes estrangeiros, o que acentuou a necessidade de pesquisas voltadas para essa população.

### Referências

- Ahmad, S., Ishtiaq, S. M., & Mustafa, M. (2016). The role of sócio-economic status in adoption of coping strategies among adolescents against domestic violence. *Journal of Interpersonal Violence*, 1-20.
- Alves, C., Pedroza, R., Pinho, A., Presotti, L., Silva, F. (2009, jan.-jun.). Adolescência e maioria penal: reflexões a partir da Psicologia e do Direito. *Psicologia Política*, 9 (17), 67-83.

- Andrade, S. S. C. A. *et al.* (2012, set.). Relação entre violência física, consumo de álcool e outras drogas e bullying entre adolescentes escolares brasileiros. *Cad. Saúde Pública*, 28 (9), 1725-1736.
- Amone-P'Olak, K. (2007). Coping with life in rebel captivity and the challenge os reintegrating formerly abducted boys in northern Uganda. *Journal of Refugee Studies*, 20 (4).
- Aymer, R. (2008). Adolecent males' coping responses to domestic violence: a qualitative study. *Children and Youth Services Review*, 30, 654-664.
- Assis, S. G., Avanci, J. Q., Santos, N. C., Malaquias, J. V., Oliveira, R. V. C. (2004). Violência e representação social na adolescência no Brasil. *Rev. Panam Salud Publica/Pan Am J Public Health* 16 (1).
- Avanci, J. Q., Assis, S. G., Santos, N. C., & Oliveira, R. V. C. (2005). Escala de violência psicológica contra adolescentes. *Revista Saúde Pública*, 39 (5), 702-708. Retirado de [www.fsp.usp.br/rsp](http://www.fsp.usp.br/rsp).
- Bal, S., Crombez, G., Bourdeaudhuij, I., Oost, V. (2009, Oct.). Symptomatology in adolescents following initial disclosure of sexual abuse: the roles of crisis support appraisals and coping. *Child Abuse & Neglect*, 33 (10), 717-727.
- Barendregt, C. S., Van der Laan, A. M., Bongers, I. J., & Nieuwenhuizen, C. V. (2015). Adolescents in secure residential care: the role of active and passive coping on general well- being and self- esteem. *Eur Child Adolescent Psychiatry*, 24, 845- 852.
- Beeri, A., & Lev-Wiesel, R. (2012). Social rejection by peers: a risk fator for psychological distress. *Child and Adolescent Mental Health*, 17 (4), 216-221.
- Boxer, P., & Sloan- Power, E. (2013). Coping with violence: a comprehensive framework and implications for understanding resilience. *Trauma, Violence, & Abuse*, 14 (3), 209-221.
- Braga, L. L., & Lisboa, C. (2010). Estratégias de *coping* para lidar com o processo de *bullying*: um estudo qualitativo. *Revista Interamericana de Psicologia*, 44 (2).
- Brandy, S. S., Gorman-Smith, D., Henry, D. B., & Tolan, P. H. (2008). Adaptive coping reduces the impacto f community violence exposure on violence behavior amog

african american and latino male adolescents. *Journal Abnorm Child Psychology*, 36, 105-115.

Brandy, S. S., Tschann, J. M., Pasch, L. A., Flores, E., & Ozer, E. J. (2009). Cognitive coping moderates the association between violent victimization by peers and substance use among adolescents. *Journal of Pediatric Psychology*, 34 (3), 304-310.

Brasil. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. Retirado de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm).

Braun-Lewensohn, O., & Sagy, S. (2011). Coping resources as explanatory factors of stress reactions during missile attacks: Comparing Jewish and Arab adolescents in Israel. *Journal Community Ment Health*, 47, 300-310.

Braun-Lewensohn, O., Sagy, S., & Al Said, H. (2014). Stress reactions and coping strategies among bedouin Arab adolescents exposed to demolition of houses. *Stress Health*, 30, 333-342.

Braun-Lewensohn, O., Sagy, S., Sabato, H., & Galili, R. (2013). Sense of coherence and sense of community as coping resources of religious adolescents before and after the disengagement from the Gaza Strip. *Journal Isr Psychiatry Relat Sci*, 50 (2).

Cabral, C. M. T., & Maia, E. M. C. (2012, jan.-dez.). O SUS e a rede de garantia de direitos: estado da arte sobre as publicações científicas concernentes à implantação de serviços de acolhimento a crianças e adolescentes vítimas de violência. *Mudanças – Psicologia da Saúde*, 20 (1-2), 81-88.

Câmara, S. G., Sarriera, J. C., & Carlotto, M. S. (2007). Fatores associados a condutas de enfrentamento violento entre adolescentes escolares. *Estudos de Psicologia*, 12 (3), 213-219.

Cherewick, M., et al. (2015). Coping among trauma – affected youth: a qualitative study. *Conflict and Health*, 9, 35.

Chronister, K. M., Marsiglio, M. C., Linville, D., & Lantrip, K. R. (2014). The influence of dating violence on adolescent girls' educational experiences. *The Counseling Psychologist*, 42 (3), 374-405.

- Dahlberg, L. L., & Krug, E. G. (2007). Violência: um problema de saúde pública. *Ciência & Saúde Coletiva*, 11 (sup), 1163-1178.
- Deperon, R., Pinho, C. M. (2012, jul.-set.). Adolescentes em conflito com a lei: vítima e vitimizador. *Psicologia. Agurm*, 30 (70), 441-451.
- Deslandes, S. F., Mendes, C. H. F., & Luz, E. S. (2014). Análise de desempenho de sistema de indicadores para o enfrentamento da violência intrafamiliar e exploração sexual de crianças e adolescentes. *Ciência & Saúde Coletiva*, 19 (3): 865- 874.
- Dias, P. C. A., Rodriguez, J. A. G. C., & López-Sanchez, C. (2015, jan.-mar.). Adaptação da escala de estratégias de *coping* na adolescência numa amostra Portuguesa. *Estudos de Psicologia*, 20 (1), 12-21.
- Diniz, S. S., & Zanini, D.S. (2010, jan.-abr.). Relação entre fatores de personalidade e estratégias de coping em adolescentes. *Psico-USF*, 15 (1), 71-80.
- Elzy, M., Clark, C., Dollard, N., & Hummer, V. (2013). Adolescent girls' use of avoidant and approach coping as moderators between trauma exposure and trauma symptoms. *Journal Family Violence*, 28, 263-770.
- Farrel, A. D. *et al.* (2008). Individual factors influencing effective nonviolent behavior and fighting in peer situations: a qualitative study with urban african american adolescents. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology*, 37 (2), 397- 411.
- Gagné, M. H., & Melanço, C. (2013). Parental psychological violence and adolescent behavioral adjustment: the role of coping and social support. *Journal of Interpersonal Violence*, 28 (1), 176-200.
- Giacaman, R., Harry, S. S., Saab, H., Arya, N., & Boyce, W. (2007). Children and adolescents individual and collective exposure to political violence: Palestinian adolescents coping with conflict. *European Journal of Public Health*, 17 (4), 361-368.
- Goebert, D. *et al.* (2012). Social ecological determinants of youth violence among ethnically diverse Asian and Pacific Islander students. *Matern Child Health J*, 16, 188-196.



- Gonçalves, H. S., Borsoi, T. S., Santiago, M. A., Lino, M. V., Lima, I. N., & Federico, R. G. (2008). Problemas da juventude e seus enfrentamentos: um estudo de representação sociais. *Psicologia & Sociedade*, 20 (2): 217-225.
- Hines, L. (2015). Children's coping with family violence: policy and service recommendations. *Journal Child Adolescent Soc Work*, 32, 109-119.
- Kappel, V. B., Gontijo, D. T., Medeiros, M., & Monteiro, E. M. L. M. (2014). Enfrentamento da violência no ambiente escolar na perspectiva dos diferentes atores. *Interface Comunicação Saúde Educação*, 18 (51): 723-35.
- Kaye, D. K., Ekstro, A. M., Johansson, A., Bantebya, G., Mirembe, F. M. (2007). Escaping the triple: coping strategies of pregnant adolescent survivors of domestic violence in Mulago hospital, Uganda. *Scandinavian Journal of Public Health*, 35, 180-186.
- Kliewer, W., & Sullivan, T. N. (2008). Community violence exposure, threat appraisal, and adjustment in adolescents. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology*, 37 (4), 860-873.
- Lazarus, R., & Folman, S. (1984). *Stress, appraisal and coping*. Nova York: Springer.
- Leaper, C., Brown, C. S. P., & Ayres, M. M. (2013). Adolescent girl's cognitive appraisals of coping responses to sexual harassment. *Psychology in the schools*, 50 (10).
- Lepistö, S., Stedt- Kurki, P. A., Joronen, K., Luukkaala, T., & Paavilainen, E. (2010). Adolescents' experiences of coping with domestic violence. *Journal compilation Blackwell Publishing*.
- Logan-Greene, P., Nurius, P. S., Herting, J. R., Hooven, C. L., Walsh, E., & Thopson, E. A. (2011, June). Multi-domain risk and protective factor predictors of violent behavior among at-risk youth. *Journal of Youth Studies*, 14 (4), 413-429.
- Logan-Greene, P., Nurius, P. S., & Thopson, E. A. (2012). Distinct stress and resource profiles among at risk adolescents. Implications for violence and other problem behaviors. *Journal Child Adolescent Soc Work*, 29, 373-390.

- Macedo, M. M. K., Azevedo, B., Castan, J. (2010). Adolescência e psicanálise. Em M. M. K. Macedo (Org.), *Adolescência e psicanálise: intersecções possíveis* (2ª ed., pp. 15-54). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Maia, L. L. Q. G. N., Araújo, A., & Júnior, A. S. S. (2012). O entendimento da violência escolar na percepção de adolescentes. *Revista Med Minas Gerais*, 22 (2), 166-173.
- Marcelli, D. (2007). *Adolescência e psicopatologia*. Porto Alegre: Artmed.
- Minayo, M. C. S. (1994). A violência social sob a perspectiva da Saúde Pública. *Cad. Saúde Públ.*, 10 (supl. 1), 7-18.
- McGregor, S. L., Melvin, G. A., & Newman, L. K. (2015, June). Familial separations, coping styles and PTSD symptomatology in resettled refugee youth. *The Journal of Nervous and Mental Disease*, 23 (6).
- Mohammad, E. T., Shapiro, E. R., Wainwright, L. D., & Carter, A. S. (2015). Impacts of Family and community violence exposure on child coping and mental health. *Journal Abnorm Child Psychology*, 43, 203-2015.
- Organização Mundial de Saúde. (2002). *Relatório mundial sobre violência e saúde*. Genebra, Suíça. Retirado de <http://www.opas.org.br/cedoc/hpp/m103/0329.pdf>
- Pat-Horenczyk, R. *et al.* (2009). Posttraumatic symptoms, functional impairment, and coping among adolescents on both sides of the Israeli-Palestinian conflict: a cross-cultural approach. *Applied Psychology: An International Review*, 58 (4), 688-708.
- Quintana, P. A., Montgomery, U. W., & Malaver, S. C. (2009). Modos de afrontamiento y conducta resiliente en adolescentes espectadores de violencia entre pares. *Revista de Investigación em Psicologia*, 12 (1), 153-171.
- Real, F. G. V. C., & Conceição, M. I. G. (2013). Representações sociais de parlamentares brasileiros sobre a redução da maioria penal. *Psicologia Ciência e Profissão*, 33 (3), 656-671.
- Reid-Quinões, K., Kliwer, W., Shields, B. J., Goodman, K., Ray, M. H., & Wheat, E. (2011). Cognitive, affective, and behavioral responses to witnessed versus experienced violence. *American Journal of Orthopsychiatry and American Orthopsychiatric Association*, 81 (81), 51-60.

- Sá, A. N. P., Rocha, I. A., Moraes, M. N., Braga, L. A. V., Filha, M. O. F., & Dias, M. D. (2012, oct.-dec.). Conflitos familiares abordados na terapia comunitária integrativa. *Revista Eletrônica de Enfermagem* [Internet], 14 (4). Retirado de <http://www.fen.ufg.br/revista/v14/n4/v14n4a06.htm>
- Salas-Wright, C., Olate, R., & Vaughn, M. G. (2013a). Religious coping, spirituality, and substance use and abuse among youth in high- risk communities in San Salvador. *Substance Use & Misuse*, 48, 791-805.
- Salas-Wright, C., Olate, R., & Vaughn, M. G. (2013b, September). The protective effects of religious coping and spirituality on delinquency results among high- risk and gang-involved Salvadoran Youth. *Criminal Justice and Behavior*, 40 (9), 988-1008.
- Salas-Wright, C., Olate, R., Vaughn, M. G., & Tran, T. V. (2013). Direct and mediated associations between religious coping, spirituality, and youth violence in El Salvador. *Revista Panamericana Salud Pública*, 43 (3).
- Santos, M. F. S., Almeida, A. M. O., Mota, V. L., & Medeiros, I. (2010). Representação social de adolescentes sobre violência e suas práticas preventivas. *Temas em Psicologia*, 18 (1), 191-203.
- Souza, K. O. J. (2012, jan.-mar.). Violência em escolas públicas e a promoção da saúde: relatos e diálogos com alunos e professores. *Rev Bras Promoção de Saúde*, 25 (1): 71-79.
- Smith, S. J., & Somhlaba, N. Z. (2015). Post- Apartheid South African Children's coping with daily hassles: relation psychological adjustment. *Journal Chil Family Study*, 24: 1358-1372.
- Ulturgasheva, O. (2014). Attaining khinem: challenges, coping strategies and resilience among eveny adolescents in northeastern Siberia. *Trascultural Psychiatry*, 51 (5), 632-650.
- Vieira, L. J. E., Oliveira, A. K. A., Moreira, D. P., Pereira, A. S., Catrib, A. M. F., & Lira, S. V. G. (2015). Relatos de gestores da assistência social, educação e segurança pública sobre o enfrentamento da violência. *Cad. Saúde Coletiva*, 23 (3): 231-238.

- Voisin, D. R., Bird, J. D. P., Hardesty, M., & Shi Shiu, C. (2011). African american adolescents living and coping with community violence on Chicago's southside. *Journal of Interpersonal Violence*, 26 (12), 2483-2498.
- Williams, J. L., Aiyer, S. M., Durkee, M. I., & Tolan, P. H. (2014). The protective role of ethnic identity for urban adolescent males facing multiple stressors. *Journal Youth Adolescence*, 43, 1728-1741.
- Windle, M., & Mrug, S. (2009). Cross-gender violence perpetration and victimization among early adolescents and associations with attitudes toward dating conflict. *Journal Youth Adolescence*, 38, 429-439.
- Yablon, Y. B., Itzhaky, H., & Pagorek- Eshel, S. (2011). Positive and negative effects of long- term bombardment among Israeli adolescents: The role coping of gender and social environment. *Journal Chil Adolescent Soc Work*, 28, 189-202.

## CAPÍTULO 2

### **O enfrentamento de violência por adolescentes goianos**

## Resumo

O assunto da violência contra o adolescente vem ganhando espaço no mundo acadêmico, principalmente quando se trata do comportamento do adolescente diante da exposição a tais atos. Compreender a maneira como os adolescentes lidam com a exposição à violência contribui para que se possa entender a respeito da saúde do adolescente. Este estudo teve como objetivo a categorização dos problemas descritos por adolescentes goianos, bem como averiguar a existência de correlação entre vivências violentas e estratégias de *coping*. Participaram do estudo 513 adolescentes, de ambos os sexos, de quatro escolas públicas, selecionadas aleatoriamente. Os resultados encontrados apontam que os adolescentes descrevem como problema as situações de violência sofridas e que há correlação entre essa violência e pelo menos uma estratégia de *coping*. Os resultados apontaram que adolescentes são submetidos a diferentes tipos de violência, a que mais foi apontada pelos adolescentes da pesquisa foi a violência interpessoal, de natureza psicológica. Observou-se pouca diferença significativa no uso de coping segundo a natureza da violência e no geral, ocorreu baixas correlações, mas significativas entre violência e as estratégias de coping. Esses resultados reafirmam a complexidade de se trabalhar com adolescentes vítimas de vivências violentas, além da necessidade de ampliar a pesquisa acerca das estratégias de *coping* na adolescência e sua relação com a violência.

Palavras-chaves: violência, estratégias de *coping*, adolescentes.

## Abstract

The issue of violence against adolescents is becoming more popular in the academic world, especially when it comes to adolescent behavior when exposed to such acts. Understanding how adolescents cope with exposure to violence contributes so that we can understand about adolescent health. This study aimed to categorization of the problems described by goianos adolescents and investigate the correlation between violent experiences and coping strategies. The study included 513 adolescents of both sexes, four public schools, randomly selected. The results show that adolescents describe how the problem suffered violence and that there is a correlation between the violence and at least one coping strategy. The results showed that adolescents are subjected to different types of violence, which was more pointed by adolescents of the research was interpersonal violence, psychological. There was little significant difference in the use of coping according to the nature of violence and overall was low correlations, but significant between violence and coping strategies. These results confirm the complexity of working with adolescent victims of violent experiences, and the need to expand research on the coping strategies in adolescence and its relationship to violence.

Keywords: violence, coping strategies adolescents.

## **O enfrentamento de violência por adolescentes goianos**

A violência é considerada um problema de saúde pública (Penso, Almeida, Brasil, Barros & Brandão, 2010) que aflige a sociedade. Quando cometida contra o adolescente, diversos fatores do seu desenvolvimento são afetados (Macedo, Azevedo & Castan, 2010). O modo como cada adolescente reage diante das vivências violentas varia e os efeitos desse tipo de vivencia são maiores do que os efeitos imediatos e/ou visíveis, podendo acarretar diferentes consequências para a vida do adolescente (Santos, Almeida, Mota & Medeiros, 2010).

Para a Organização Mundial de Saúde (2002), são considerados adolescentes pessoas com faixa etária entre 10 e 19 anos. Segundo o Estatuto da criança e do adolescente, Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, no Brasil são considerados adolescentes pessoas com faixa etária entre 12 e 18 anos incompletos. O termo “adolescência” é um termo relativamente novo, sendo utilizado para designar um período do ciclo vital no qual ocorre a intermediação entre a infância e a idade adulta (Macedo, Baldo, Santos, Ribas, Silva, & Gonçalves, 2011). A “adolescência” vai muito além da puberdade, ela contempla intensas modificações físicas e psíquicas. Além disso, é nessa etapa da vida em que ocorrem as principais mudanças corporais e na qual as adaptações a novas estruturas psicológicas e ambientais acontecem (Araújo, Costa & Blank, 2009).

Macedo et al. (2011) relatam que, na adolescência, há uma grande e intensa demanda psíquica a qual o jovem se vê submetido e que, por si, pode despertar preocupações quanto a possíveis manifestações psicopatológicas. Quando essa intensa demanda psíquica é associada à exposição a eventos violentos, gera um quadro com mais probabilidade de ocorrência de psicopatologias. Isso pode ocorrer porque se exige que o

adolescente se reorganize psíquica e fisicamente, tendo que dispor de recursos de enfrentamento os quais nem sempre dispõe.

Diversos são os tipos de eventos violentos aos quais os adolescentes estão expostos, porém, o conceito de violência é difícil de ser definido, uma vez que existem diferentes formas de compreender esse fenômeno complexo. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2002), a violência pode ser definida como o uso de força física ou poder, em ameaça ou na prática, contra si próprio, outra pessoa ou um grupo ou comunidade, que tenha como consequência sofrimento, morte, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação. Para a OMS (2002), a definição de violência está sempre associada à intencionalidade do ato, independente do resultado produzido.

Dahlberg e Krug (2007) afirmam que existem poucas definições de tipologia da violência e que nenhuma abrange totalmente o tema. De acordo com a OMS (2002), a violência está dividida em três grandes grupos: a) violência autodirigida, b) violência interpessoal e c) violência coletiva, que ainda se subdividem, com o intuito de refletir tipos mais específicos. Assim, no que diz respeito a essa tipologia, conforme a OMS (2002), a definição mais acertada seria: a) violência autodirigida que subdivide-se em comportamentos suicida – que pode ser desde pensamentos suicidas, tentativas de suicídio e o suicídio propriamente dito –, e agressão autoinfligida – atos de automutilação. A violência interpessoal se subdivide também em duas categorias, a violência familiar e de parceiros íntimos e a violência na comunidade – que acontece geralmente fora dos lares e é praticada por indivíduos sem relações com estes, que podem ou não se conhecerem. Por último, a violência coletiva, que se subdivide em social, econômica e política e caracteriza-se por possíveis motivos cometidos por grandes grupos ou países, que podem ter motivações múltiplas (Dahlberg & Krug, 2007).



Outro aspecto importante sobre a violência, segundo a OMS (2002), é a sua natureza, dividida em grupos de tipologia da violência, menos na categoria de violência autoinfligida. A natureza da violência pode ser distribuída em quatro categorias: física, sexual, psicológica e relacionada ao abandono e/ou privação (Dahlberg & Krug, 2007). Vale ressaltar que ser submetido a um tipo de violência não exclui, de forma alguma, ser submetido a outro.

As formas de violências às quais os adolescentes estão expostos podem ser diversas e podem acontecer em qualquer âmbito da nossa sociedade, seja familiar, escolar ou social (Avanci, Assis, Santos & Oliveira, 2009). Sendo assim, os adolescentes encontram-se em situações de risco em relação às vivências violentas, vulneráveis a diversas manifestações destas, tais como abusos sexuais, maus-tratos, negligência, *bullying*, violência entre pares, violência indireta, violência virtual, crimes convencionais, entre outros (Câmara, Sarriera & Carlotto, 2007; Hines, 2015). Pela complexidade desse fenômeno e pelos efeitos traumáticos ocasionados pela violência, as vivências violentas tornam-se uma questão de saúde pública, o que contribui para o aumento da quantidade de estudos relacionados com o tema na última década (Avanci *et al.*, 2005; Gonçalves *et al.*, 2008; Santos *et al.*, 2010; Schwanck & Silva, 2006; Souza, 2012).

Jesus, Lima, Martins, Matos e Souza (2011) ressaltam a importância e a necessidade de se conhecer as situações violentas vivenciadas pelos adolescentes, pois isso contribuirá para o planejamento e a implementação de serviços específicos de promoção, prevenção e atendimento ao adolescente vítima de violência, que pode ocorrer de forma mais eficaz. Para isso, é necessário que a construção desses serviços seja pautada no diálogo, de maneira a possibilitar o compartilhamento de dúvidas e curiosidades, alertando o adolescente quanto às diversas situações de risco nessa fase. Maia, Araújo e Júnior (2012) vão além e destacam a importância e a necessidade de se valorizar tanto a reflexão

filosófica e teórica sobre o tema quanto a visão operacional fundamentada na constatação de danos biológicos, emocionais e físicos. A integração desses fatores pode propiciar a produção de conhecimento com base em dados epidemiológicos, aliados aos dados qualitativos, o que contribui para a compreensão dos contextos geradores e mantenedores da violência, o que permite uma abordagem ampla do fenômeno.

Conhecer o modo como os adolescentes enfrentam os episódios de violência sofridos são dados de grande importância para o entendimento de como a vivência violenta afeta a saúde do adolescente como um todo. Nos últimos anos, diversos estudos têm investigado a exposição dos adolescentes a isso e a forma como os adolescentes lidam com ela (Ahmad, Ishtiaq & Mustafa, 2016; Amone P'olak, 2007; Câmara, Sarriera & Carlotto, 2007; Cherewick *et al.*, 2015; Gagné & Melaçon, 2013; Lepistö, Stedt-Kurki, Joronen, Luukkaala & Paavilainen, 2010; Pat-Horenzyk *et al.*, 2009; Quintana, Montgomery & Malaver, 2009; Salas-Wright, Olate & Vaughn, 2013a; Salas-Wright, Olate & Vaughn, 2013b; Ulturgasheva, 2014; Williams, Aiyer, Durkee & Tolan, 2014). Os estudos demonstram que há uma grande variedade de comportamentos atenuantes das experiências, que causam estresse ou são utilizados no embate a situações aversivas. Esses comportamentos são denominados de estratégias de *coping* (Diniz & Zanini, 2010).

Diante da necessidade de se compreender quais as estratégias de *coping* adotadas pelos adolescentes, estudos vêm sendo publicados em todo o mundo. No Brasil, em pesquisa realizada nos últimos 10 anos, apenas um estudo foi encontrado, o de Câmara, Sarriera e Carlotto (2007), que tinha como objetivo avaliar a prática de enfrentamentos violentos em 389 adolescentes estudantes do ensino médio de Porto Alegre. Os autores concluíram que metade dos adolescentes da amostra tinham tido episódios de enfrentamentos físicos violentos nos seis meses anteriores à pesquisa. As estratégias de *coping* mais utilizadas pelos adolescentes foram as de criar ilusões, ação social,

autoculpar-se e buscar por distrações relaxantes, sendo essa uma estratégia evitativa. Verificou-se também que os adolescentes que utilizavam mais estratégias de autoculpabilização tinham menos chances de envolver-se em enfrentamentos violentos.

Hines (2015), em seu estudo de revisão de literatura sobre estratégias de *coping* de adolescentes expostos à violência familiar, analisou 17 estudos publicados sobre o tema entre os anos de 1991 e 2012, tendo concluído que apoio social, resiliência e esperança são fatores importantes para ajudar os adolescentes a lidarem, com sucesso, com a exposição à violência familiar. A autora afirma ainda que adolescentes que utilizam estratégias de *coping* buscam apoio emocional, resolução de problemas, distanciamento do conflito, redefinição cognitiva e autorregulação emocional e apresentam melhor ajustamento.

Bal, Crombez, Bourdeaudhuij e Van Oost (2009) realizaram um estudo cujo objetivo era avaliar o desenvolvimento de sintomas psicopatológicos em adolescentes abusadas sexualmente e o papel das estratégias de *coping* em 100 adolescentes norte-americanas com idades entre 12 e 18 anos, que haviam sido vítimas de abuso sexual. Eles concluíram que as adolescentes que avaliaram o abuso mais ameaçador apresentaram mais sintomas de trauma externalizados e internalizados. Em relação às estratégias de *coping*, aquelas que avaliaram o abuso mais ameaçador utilizaram mais estratégias de evitação, enquanto as que avaliaram o abuso como menos ameaçador utilizaram mais estratégias de apoio social.

No que tange às estratégias de *coping* utilizadas por adolescentes que sofreram maus-tratos, em estudo realizado por Elzy, Clark, Dollaerd & Hummer (2013), no qual os autores trabalharam com 44 adolescentes norte-americanas com idades entre 12 e 18 anos que tinham sido vítimas de maus-tratos, comprovaram que o grupo utilizava um número elevado e variado de habilidades de enfrentamento, porém, as estratégias de *coping* mais utilizadas pelas adolescentes foram as de esquiva e evitação. Ainda, a utilização das

estratégias de esquiva e evitação moderavam as relações de exposição ao trauma e os sintomas das adolescentes, de modo que aquelas que as utilizavam mais relatavam menos sintomas. Eles sugerem também que, diferente dos adultos, os adolescentes que utilizam mais estratégias de *coping* de esquiva e evitação apresentam menos problemas comportamentais, principalmente quando os estressores são percebidos como fora de seu controle.

A violência entre os pares também está muito presente na realidade dos adolescentes. Beeri e Lev-Wiesel (2012), em estudo com 511 adolescentes israelenses com idades entre 12 e 17 anos, concluíram que aqueles que relatavam rejeição pelos pares tinham níveis mais elevados de estresse psicológico e os com menos recursos pessoais para lidar com a situação apresentavam mais ocorrências de sintomas de psicopatologias. Brandy, Tschann, Pasch, Flores e Ozer (2009), em pesquisa realizada com 247 adolescentes mexicano-americanos e europeu-americanos, com idades entre 16 e 20 anos, concluíram que a vitimização violenta entre pares está associada com o uso de álcool e tabaco entre os adolescentes. Eles afirmaram que os que mais usavam estratégias de *coping* comportamentais utilizavam menos substâncias, independente da história de vitimização. Ademais, tanto o uso de estratégias de *coping* cognitivas quanto comportamentais podem contribuir para resultados positivos em longo prazo entre os adolescentes vítimas de violência entre os pares.

Smith e Somhlaba (2015), em estudo realizado com 86 crianças e adolescentes de ambos os sexos, sul-africanos com idades entre 9 e 13 anos, objetivaram investigar as estratégias de *coping* de crianças e adolescentes expostos à violência indireta e como eles lidavam com os problemas do dia a dia. Assim, constataram que eles utilizavam diferentes estratégias de enfrentamento, o que era um melhor preditor de ajustamento psicossocial positivo do que o uso de um tipo de enfrentamento específico. Em resposta aos problemas

diários, os participantes fizeram uso, predominantemente, de estratégias de *coping* comportamentais como liberação física de emoções e ações de distração.

Smith e Somhlaba (2015) afirmaram que a distração e a busca de apoio foram vistas, em geral, como respostas adaptativas ao estresse, permitindo que a criança e o adolescente acabassem com seus medos e frustrações ou reduzissem a ansiedade, particularmente em situações percebidas como incontroláveis. Distração e busca de apoio foram, então, positivamente associadas à adaptação funcional e social dos participantes. Em relação à utilização de estratégias de *coping* de evitação, essa pode ser vista como um amortecedor contra os efeitos negativos do estresse cotidiano sob condições de baixa tensão, isto é, pode ser uma estratégia de *coping* adaptativa por parte de crianças e adolescentes, a fim de facilitar resultados positivos.

A violência virtual é um fenômeno novo em nossa sociedade e os adolescentes cada vez mais estão em contato e expostos a esse tipo de vivência violenta, que pode impactar de forma devastadora o desenvolvimento dos adolescentes (Souza, Simão & Caetano, 2014). Durante a pesquisa, nenhum estudo foi encontrado sobre a exposição de violência virtual e estratégias de *coping* de adolescentes. O estudo desses autores apresenta, no entanto, resultados importantes sobre o tema com jovens adultos de Portugal. Essa investigação teve como amostra jovens estudantes do primeiro ano do ensino superior público de Lisboa, de um curso de Psicologia, com idades entre 19 e 50 anos, tendo concluído que a estratégia de *coping* mais utilizada foi a de pedir ajuda a diferentes membros da sociedade, como agentes de autoridade, colegas, família e professores. Contudo, outras estratégias de *coping* também foram usadas pelos participantes, como: estratégias de confronto; estratégias de evitação; estratégias de ruptura; e estratégias sociais.

Uma violência presente nas mais diversas culturas é a doméstica. Sobre a exposição a ela e as estratégias de *coping* dos adolescentes, Ahmad, Ishtiaq e Mustafa (2016), em estudo realizado com 210 adolescentes de ambos os sexos, com idades entre 13 e 18 anos, da cidade de Hafizabad, no Paquistão, concluíram que os adolescentes utilizam os mais variados tipos de estratégias de *coping* para lidar com a exposição a esse tipo de violência, como as focadas na emoção ou no problema e as não construtivas. O fator que mais influenciou as escolhas das estratégias de enfrentamento por parte dos adolescentes foi a idade. Quanto mais novos os adolescentes, mais usavam as estratégias de *coping* focadas no problema em comparação às com ênfase na emoção. Os autores ainda salientaram que houve mudanças, com o aumento da idade, nas preferências dessas estratégias para ambos os sexos. Em relação ao gênero, os autores afirmaram que as meninas empregavam mais estratégias de *coping* focadas na emoção e os meninos no problema. Fatores como idade, escolaridade, número de irmãos e socioeconômicos apresentaram relação positiva na escolha de estratégias de *coping* com ênfase no problema. Por sua vez, fatores como sexo, ocupação, educação e socioeconômicos foram significativos para a escolha de estratégias de *coping* baseadas na emoção.

Diante da importância de se compreender quais as vivências violentas e a forma como os adolescentes lidam com elas, este estudo tem como objetivo categorizar os problemas descritos por adolescentes goianos, além de averiguar a existência de correlação entre vivências violentas, seus tipos e natureza e as estratégias de *coping*.

## Método

### Participantes

Participaram deste estudo 513 adolescentes de quatro escolas públicas da grande Goiânia, sendo as instituições selecionadas aleatoriamente por meio de sorteio. Dos participantes, 53,4% eram meninas e 46,6% meninos, com idade entre 12 e 18 anos (média= 13,92 e DP= 1,44). Foram considerados critérios de inclusão: os responsáveis pelos participantes menores de idade terem assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecidos previamente, aceitando participarem da pesquisa, bem como a assinatura do TCLE pelos próprios menores, que também acordaram participar e responder a todos os instrumentos propostos pela equipe de pesquisa. Foram considerados critérios de exclusão: ter comprometimento psiquiátrico ou neurológico autorrelatado ou referido pela instituição de ensino e ter dificuldade de aprendizagem que incapacite a leitura, a resposta ou a compreensão dos questionários.

### Instrumentos

*Análise das estratégias de enfrentamento: Coping Response Inventory (CRI – Y)*, de Moos (1993). O CRI é um instrumento originalmente americano, no qual a qualidade psicométrica está de acordo com as consistências habitualmente encontradas para esse tipo de teste (consistência interna alfa de Cronbach entre .55 e .79). A escala é de tipo transacional, pelo qual o problema é vivido, o enfrentamento e suas consequências resultantes interacionam-se mutuamente e têm enfoque teórico subjacente ao teste. O teste avalia e quantifica oito estratégias específicas. As estratégias de análise lógica de reavaliação positiva, busca de guia e apoio e solução de problemas são consideradas de aproximação ao problema, sendo as duas primeiras de tipo cognitivo e as duas últimas de

tipo comportamental. As estratégias de evitação cognitiva, aceitação-resignação, busca de gratificação alternativa e descarga emocional são consideradas de evitação do problema, sendo as duas primeiras de tipo cognitivo e as duas últimas de tipo comportamental. Cada uma das oito escalas de estratégias específicas estão formadas por seis itens com formato Likert (de 0 a 3).

O CRI – Y também solicita que o sujeito descreva o acontecimento ou o problema mais difícil que teve que resolver nos últimos doze meses e, em seguida, avalia dez características do problema (experiência prévia, tempo de preparação, *locus* de controle, vivência do problema como um prejuízo ou um desafio, benefícios da vivência do problema etc.).

Por último, foi solicitado ao sujeito que respondesse a 48 questões diretamente relacionadas com o tipo de estratégia de enfrentamento que empregou para resolver o problema descrito. Esses últimos itens agrupam-se, formando as oito escalas de *coping* descritas anteriormente.

A versão do CRI – Y empregada foi adaptada ao português com a aprovação do autor do teste e da editora que o comercializa. Os alfas de Cronbach da versão da adaptação são equivalentes ao da versão original em inglês, variando entre 0,45 e 0,79 na escala para meninos e 0,50 e 0,79 na escala para meninas.

*Análise da vitimização: Juvenile Victimization Questionnaire*, de Hamby, Finkelhor, Ormrod e Turner (2004).

Este instrumento é dirigido ao estudo de cinco grandes áreas da vitimologia (crime convencional, mau-trato infantil, maus-tratos por iguais, vitimização sexual e ser testemunha/vitimização indireta). Compõe-se de 34 itens com formatos Likert de seis



pontos (de 0 a 5, ambos incluídos), tendo sido aplicado em distintos formatos a crianças e adolescentes de 2 a 17 anos e adultos.

O *Juvenile Victimization Questionnaire* apresenta uma adequada validade de constructo ao ser comparado com outras medidas de avaliação de traumas. Também demonstra um bom coeficiente de fiabilidade teste-reteste com intervalo de duas semanas (entre 79 e 100% de coincidências entre ambas as aplicações). A consistência interna do instrumento, segundo valor alpha, em população americana é de 0.80 para o total da escala.

## **Procedimentos**

Após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (CEP-SGC/PUC-Goiás), foi solicitada, às diretorias dos centros educativos, a permissão para aplicar os questionários. Os participantes foram convidados a participar da pesquisa e, no momento do convite, foram esclarecidos a respeito dos objetivos do estudo, que a participação na pesquisa era voluntária, que seriam respeitados o anonimato das respostas e o tratamento dos dados. Também foram informados do risco da participação no estudo. Leu-se o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e aqueles que concordaram em participar da pesquisa o assinaram. Por todos serem menores de idade, foi solicitada também a autorização dos responsáveis e a assinatura do TCLE previamente à aceitação de participação da pesquisa pelos menores. Em seguida, foram programadas sessões coletivas de aplicação dos questionários, respeitando os grupos de sala de aula e procedimentos escolares. Os instrumentos foram administrados por psicólogos e estudantes de psicologia treinados anteriormente nos horários de assistência das instituições de ensino.

A pesquisa foi dividida então em duas partes. Em um primeiro momento, realizou-se a categorização dos adolescentes a respeito de acontecimentos ou problemas mais difíceis que tiveram de resolver nos últimos meses e, no segundo momento, a pesquisa correlacionou seis formas de violência sofridas (Hamby *et al.*, 2004), com oito estratégias de *coping* (Moos, 1993) e que poderiam ser utilizadas por eles.

A partir da descrição dos problemas por parte dos adolescentes, foi realizada uma análise de conteúdo, tendo sido constatado que os problemas descritos por eles estavam, em sua maioria, voltados para vivências violentas. Por essa razão, houve a necessidade de categorizar os eventos violentos e, em seguida, foram levantadas subcategorias, que posteriormente foram agrupadas em três grandes categorias: tipo da violência, natureza da violência e descrição do problema.

### Resultados

Após a categorização dos questionários, procedeu-se à análise por dois juízes previamente treinados. Os resultados foram analisados utilizando-se da técnica de Kappa, conforme demonstra a Tabela 1:

**Tabela 1.** Categorização dos problemas descritos pelos adolescentes.

<b>Chi- Square Tests</b>	<b>Tipo de violência</b>	<b>Natureza da violência</b>	<b>Descrição do problema</b>
Pearson Chi- Square	2554,306 <sup>a</sup>	2015,249 <sup>a</sup>	9458,492 <sup>a</sup>
Likelihood Ratio	893,490	730,801	2252,141
Linear- by- Linear Association	378,405	393,051	384,633
Measure of Agreement Kappa	,929	,912	,959
N of Valid Cases	423	423	423

Fonte: Dados da pesquisa.

Dos 512 questionários em que foram analisados o tipo de violência, a natureza da violência e a descrição do problema, 423 (82,5%) deles apresentaram dados válidos. Para a categoria tipo de violência, observou-se um índice de concordância de 93% (Kappa = 0,929,  $p= 0.00$ ) entre os juízes. Para natureza da violência, notou-se um índice de concordância de 91% (Kappa= 0,912 ,  $p= 0.00$ ) entre os juízes. Por fim, para descrição do problema, percebeu-se um índice de concordância de 95% (Kappa= 0,959,  $p=0.00$ ) entre eles.

No que diz respeito à descrição do problema, ao tipo de violência e à natureza da violência, pode-se entender que há relatos significativos de violência quando pedido aos adolescentes para que relatassem um problema. Ainda, descobriu-se que o tipo de violência mais comum é a interpessoal, de natureza psicológica, como pode ser analisado na Tabela 2:

**Tabela 2.** Descrição de problemas, tipo de violência e natureza da violência.

<b>Tipo de violência</b>	<b>Frequência</b>	<b>Violência Física</b>	<b>Violência psicológica</b>
Violência autoinfligida	3	0	3
Violência interpessoal	152	33	118
Sem relato de violência	268		
<b>Total</b>	<b>423</b>	<b>33</b>	<b>121</b>

Fonte: Dados da pesquisa.

Do total de participantes, 268 (63,4%) não relataram violência, 3 (0,7%) contaram sofrer violência autoinfligida e 152 (35,9%) violência interpessoal. Dos adolescentes que narraram ter sofrido violência interpessoal, 33 (21,9%) explicaram ter sido violência física e 118 (78,1%) violência psicológica. Aqueles que relataram violência autoinfligida disseram ter sofrido violência psicológica.

Em relação à natureza da violência e às estratégias de *coping* utilizadas pelos adolescentes, pode-se observar pouca diferença no uso dessas estratégias segundo a natureza da violência, como pode ser visto na Tabela 3:

**Tabela 3.** Comparação de média entre natureza da violência e estratégias de *coping*.

Estratégias de <i>coping</i>	Natureza da violência	Média	DP	t	p
Análise lógica	Física	7,29	4,0	-2,594	,014
	Psicológica	9,87	4,43		
Reavaliação positiva	Física	7,72	3,91	-2,093	,044
	Psicológica	9,67	3,99		
Busca de guia e apoio	Física	7,45	3,64	,505	,616
	Psicológica	6,99	4,42		
Solução de problema	Física	9,31	4,45	-1,054	,300
	Psicológica	10,43	4,45		
Evitação cognitiva	Física	10,0	4,36	-,532	,599
	Psicológica	10,53	3,5		
Aceitação resignação	Física	8,90	4,84	-,494	,625
	Psicológica	9,45	3,73		
Busca de gratificação alternativa	Física	7,90	3,90	-2,028	,050
	Psicológica	9,82	4,24		
Descarga emocional	Física	8,04	5,10	-,548	,588
	Psicológica	8,69	4,45		

Fonte: Dados da pesquisa.

Observa-se pouca diferença significativa no uso de estratégias de *coping* segundo a natureza da violência, a diferença de média significativa se dá entre as estratégias de análise lógica (  $t = -2,594$  e  $p = ,014$ ), reavaliação positiva ( $t = -2,093$  e  $p = ,044$ ) e busca de gratificação alternativa ( $t = ,477$  e  $p = ,050$ ), pois em todos os fatores o uso de estratégia de *coping* é maior quando ocorre violência psicológica.

A segunda parte dos resultados correlacionou a vivência de situação violenta no último ano com a nota de estresse e as estratégias de *coping* e a vivência de situação violenta ao longo da vida com a nota de estresse e as estratégias de *coping*.

Os resultados podem ser vistos nas Tabelas 4 e 5.

**Tabela 4.** Correlação entre tipos de violência, nota de estresse e estratégias de *coping* no último ano.

	<b>Crime convencional</b>	<b>Maus-tratos</b>	<b>Vitimização entre pares</b>	<b>Vitimização sexual</b>	<b>Vitimização indireta</b>	<b>Vitimização virtual</b>
Violência vivida						
Nota de estresse	,133*	,183**	,169**	,141*	,115	,178**
Análise lógica	,206**	,275**	,166**	,127*	,137*	,201**
Reavaliação positiva	,126*	,146*	,095	,106	,114	,081
Busca de guia e apoio	,189*	,191**	,217**	,167**	,116	,217**
Solução de problemas	,203**	,165**	,189**	,125*	,134*	,118*
Evitação cognitiva	,211**	,161**	,077	,060	,173**	,082
Aceitação-resignação	,150*	,219**	,169**	,039	,131*	,099
Busca de gratificação alternativa	,097	,143*	,086	,056	,095	,131*
Descarga emocional	,232**	,330**	,227**	,231**	,154*	,243**

Nota: \* correlação significativa no nível de  $p \leq 0,05$

\*\* correlação significativa no nível de  $p \leq 0,01$

Fonte: Dados da pesquisa.

Em geral, foram observadas correlações baixas, mas significativas entre as violências vividas no último ano e as estratégias de *coping*. Em especial, as violências vividas parecem ser de tipo: crime convencional, maus-tratos e vitimização por pares, aquelas que se correlacionam com a maior quantidade de tipos de estratégias de *coping*. Dessa forma, pode-se dizer que alguns desses tipos de violência levam o adolescente a lançar mão de diferentes formas de enfrentamento. Por outro lado, as estratégias de *coping* que mais se correlacionaram com os tipos de vivência violenta são análise lógica, busca de apoio e resolução de problema, o que aponta para o fato de que o adolescente, quando em situação de violência, tende a pensar em diferentes formas de lidar com o problema (análise lógica), busca pelo apoio de outras pessoas (busca de guia e apoio), tenta agir para solucionar seus problemas (resolução de problema) e descarrega suas emoções (descarga emocional).

**Tabela 5.** Correlação entre tipos de violência, nota de estresse e estratégias de *coping* ao longo da vida.

	<b>Crime convencional</b>	<b>Maus-tratos</b>	<b>Vitimização entre pares</b>	<b>Vitimização sexual</b>	<b>Vitimização indireta</b>	<b>Vitimização virtual</b>
Violência vivida						
Nota de estresse	,072	,158**	,157*	,122*	,088	,177**
Análise lógica	,228**	,284**	,149*	,138*	,114	,226**
Reavaliação positiva	,124*	,084	,076	,126*	,057	,035
Busca de guia e apoio	,147*	,110	,116*	,117*	,050	,162**
Solução de problemas	,121*	,077	,024	,121*	,033	,063
Evitação cognitiva	,182**	,183**	,104	,099	,125*	,089
Aceitação-resignação	,213**	,206**	,148*	,072	,110	,103
Busca de gratificação alternativa	,092	,108	,131*	,108	,043	,086
Descarga emocional	,302**	,306**	,223**	,216**	,162**	,196**

Nota: \* correlação significativa no nível de  $p \leq 0,05$

\*\* correlação significativa no nível de  $p \leq 0,01$

Fonte: Dados da pesquisa.

A análise dos dados entre violência vivida no decorrer da vida e nota de estresse mostra que ocorreu correlação significativa entre maus-tratos ( $r = 0,158$ ,  $p \leq 0,01$ ), vitimização sexual ( $r = 0,122$ ,  $p \leq 0,05$ ), vitimização por pares ( $r = 0,157$ ,  $p \leq 0,05$ ) e vitimização virtual ( $r = 0,177$ ,  $p \leq 0,01$ ).

A análise de correlação entre os diferentes tipos de vitimizações ao longo da vida e as estratégias de *coping* demonstram baixas, porém significativas, correlações entre algumas das variáveis analisadas. Contudo, observam-se menos correlações significativas entre essas variáveis ao longo da vida do que no último ano. Notadamente, foram as estratégias de *coping* de análise lógica e descarga emocional as que apresentaram maior número de correlações com as vitimizações. Contudo, quando vítimas de crime convencional e maus-tratos, os adolescentes utilizaram também a evitação cognitiva e a aceitação-resignação.

## Discussão

O presente estudo tem como objetivo categorizar os problemas descritos pelos adolescentes goianos e averiguar a existência de correlação entre vivências violentas, seus tipos e natureza e as estratégias de *coping*. A partir da análise dos dados, ficou evidente a presença de violência nos relatos a respeito dos acontecimentos e/ou problemas mais difíceis que os adolescentes tiveram de resolver nos últimos meses. Esse resultado corrobora, em parte, com os estudos de Câmara, Sarriera e Carlotto (2007), para quem metade dos participantes da sua amostra tinham sofrido episódios violentos de enfrentamento físico nos seis meses anteriores à pesquisa. Evidencia-se, assim, que adolescentes vivenciam violências em seu dia a dia. Diferente dos resultados de Câmara, Sarriera e Carlotto (2007), no presente estudo os adolescentes relataram ter sofrido mais



violência psicológica, o que evidencia a necessidade de se falar mais sobre o tema com toda a população, que muitas vezes subestima a ocorrência desse tipo de violência.

Para facilitar a compreensão das categorias, o referencial teórico utilizado para categorizar os eventos violentos foram os descritos pela OMS (2002), porque, embora seja difícil categorizar os tipos de violência, a conceituação utilizada pela Organização é clara e permite uma boa discriminação entre os tipos de violência, uma vez que o índice de concordância dos juízes quando a utilizaram foi maior do que 90% em todas.

A categoria tipo de violência caracteriza aqueles que cometeram ato violento. Dos questionários válidos, quando houve relato de violência, os juízes concordaram (93%) que as características daqueles que cometeram o ato violento eram equivalentes às descritas pela OMS. Esse dado mostra a importância de se conhecer as características de quem cometeu o ato violento, pois garante a efetividade da forma/os meios utilizados para se tratar o fato violento e direciona o modo mais adequado de garantia dos direitos das vítimas.

A categoria natureza da violência caracterizava a forma de violência relatada pelos adolescentes. Mais uma vez, foi alto o nível de concordância entre os juízes (91%). Assim, conhecer a forma de violência a qual o adolescente foi submetido é importante para que os cuidados necessários em cada caso sejam disponibilizados, a fim de ajudar não somente depois da vivência do ato violento, mas também para garantir meios eficazes que minimizem os efeitos posteriores que possam vir a ser desencadeados no futuro.

A categoria descrição do problema caracteriza como os adolescentes descreviam os acontecimentos e/ou problemas mais difíceis. Mais uma vez, houve um alto índice de concordância entre os juízes (95%). Categorizar a forma com que o adolescente descreve a violência a qual foi submetido é importante para conhecer como ele enxerga os atos

violentos, para, desse modo, poder atuar de forma efetiva em programas de prevenção à violência.

É evidente a necessidade de se compreender mais a respeito da ocorrência de violência psicológica, uma vez que ela foi a que mais foi relatada pelos adolescentes no presente estudo. Gagné e Melançon (2013) afirmam que pode haver uma maior utilização de estratégias de *coping* de evitação quando ocorre violência psicológica, pois a situação é percebida como incontrolável e o adolescente prefere não lidar com ela. No presente estudo, o uso de estratégias de evitação quando há violência psicológica também foi notado, uma vez que as estratégias de *coping* usadas, e significativas, foram a de avaliação positiva e a busca de gratificação.

De acordo com a literatura, diversos fatores influenciam a utilização de estratégias de *coping*, como desenvolvimento cognitivo, aspectos pessoais, familiares e sociais (Ahmad, Ishtiaq & Mustafa, 2016; Bal *et al.*, 2009; Diniz & Zanini, 2010; Elzy *et al.*, 2013; Hines, 2015). Em relação às estratégias de *coping* e as vitimizações, ocorreu pelo menos correlação entre duas para cada vitimização tanto para quando o adolescente tinha sido vítima de vivências violentas no último ano, quanto para adolescentes vítimas de vivências violentas no decorrer da vida. Esses dados corroboram com a teoria de que, diante de uma situação avaliada como estressora, o indivíduo utiliza estratégias cognitivas ou comportamentais para enfrentá-las (Lazarus & Folkman, 1984).

Por meio dos resultados, pode-se verificar, também, que quando a vivência violenta acontece no último ano, apenas a vitimização indireta não teve correlação com a nota de estresse. Isso pode acontecer, pois a vitimização indireta não atinge o adolescente de forma a limitar sua capacidade de lidar com a situação, enquanto as outras vitimizações exigem dele a capacidade de criar estratégias para tratar delas (Kristense, Schaefer & Busnello, 2010). Em relação a ter sofrido violência no decorrer da vida, a nota de estresse

foi correlacionada com vivências de maus-tratos, vitimização sexual e vitimização virtual. É provável que essas vitimizações exijam, por parte dos adolescentes, maior capacidade de criar estratégias para trabalhar com elas e com seus efeitos ao longo da vida. Isso corrobora com a literatura já apresentada (Deslandes, Mendes & Luz, 2014; Gonçalves *et al.*, 2008; Santos *et al.*, 2010; Schwanck e Silva, 2006; Souza, Simão & Caetano, 2014), cujos autores explicam que o efeito desses tipos de vivências violentas perduram por mais tempo do que o de outros e que suas consequências podem acarretar sérios prejuízos ao longo da vida do indivíduo submetido a elas.

Outro fator que pode influenciar para que outras vivências violentas não se correlacionem com a nota de estresse ao longo da vida é a adaptação dos adolescentes a elas, uma vez que, ao se adaptarem, os adolescentes em avaliação primária não as classificam mais como estressoras, permitindo, assim, a não utilização de estratégias para enfrentá-las (Dias, Rodriguez & López- Sánchez, 2015; Diniz & Zanini, 2010).

Um dado que chama a atenção é que a correlação mais forte de nota de estresse deu-se com a vitimização virtual no decorrer da vida. Esse dado confirma o quanto o “mundo virtual” tem influenciado a vida dos adolescentes e interferido em sua maneira de lidar com as situações as quais são expostos. Segundo Souza, Simão e Caetano (2014), os efeitos desse fenômeno atual podem ser incalculáveis na vida dos envolvidos, podendo chegar a ser devastadores. Reforçando o pensamento dos autores, é importante ressaltar a necessidade e a importância de realizar-se novas pesquisas sobre o tema, para que se possa compreender sua complexidade e extensão, além de viabilizar ações preventivas/educativas que possibilitem intervir de forma eficaz, criando um espaço de convivência saudável com as novas tecnologias.

A estratégia de *coping* que teve correlação mais forte com as vitimizações foi a de descarga emocional. No presente estudo, a maior parte dos participantes era do sexo

feminino (53,4%) e esse pode ser o motivo para que essa estratégia seja a que mais tenha força de correlação com as vitimizações as quais os adolescentes pudessem ser expostos. Esse resultado corrobora com os achados de Ahmad, Ishtiaq e Mustafa (2016), para quem as meninas utilizam mais estratégias de *coping* focadas na emoção. Esse resultado pode estar relacionado também com questões culturais, já que em nosso país, apesar de crescentes mudanças, ainda percebe-se diferença na forma de criação entre meninas e meninos. Enquanto os meninos são educados para lidar com seus problemas de forma independente e pública, as meninas são criadas para serem mais reservadas e a lidar com seus problemas de forma a não se exporem, o que pode ocasionar um maior uso de estratégia de *coping* de descarga emocional.

Apesar da correlação mais forte ter sido a de descarga emocional, a maioria das situações violentas também faziam correlações com outras estratégias de *coping*. Esse resultado corrobora com a literatura, que afirma que as adolescentes utilizam diferentes estratégias de *coping* para lidar com vivências violentas (Elzy *et al.*, 2013; Smith & Somhlaba, 2015).

Os adolescentes goianos que sofreram vivências violentas no último ano apresentam estratégias de *coping* que possibilitam mais ajustamento. Contudo, aqueles que foram vítimas de vivências violentas ao longo da vida têm mais dificuldades e oscilam em relação às estratégias de *coping* utilizadas para lidar com as consequências dessas vivências. Isso pode acontecer por conta do período de desenvolvimento em que o adolescente se encontra, uma vez que a mudança de comportamento em adolescentes acontece de forma progressiva, bem como a internalização de estratégias mais elaboradas à medida que o jovem amadurece (Ahmad, Ishtiaq & Mustafa, 2016; Diniz & Zanini, 2010). Esse resultado corrobora com o estudo de Hines (2015), para quem adolescentes que utilizam mais estratégias de *coping* de busca de apoio, resolução de problemas,

distanciamento do conflito e redefinição cognitiva e autorregulação emocional apresentam melhor ajustamento.

Os tipos de violência que menos se correlacionaram com as estratégias de *coping*, dos adolescentes que sofreram violência no último ano da vida, foram: vitimização entre pares e vitimização sexual, esse dado aponta que adolescentes vítimas desses tipos de violência tende a ter mais dificuldade de lidar com suas consequências, o que pode ocasionar maior adoecimento do adolescente, corroborando com os estudos de Faria (2015).

### **Conclusão**

Conhecer o fato que o adolescente goiano descreve como problema e/ou situação difícil à vivência violenta e saber que, em sua maioria, há a utilização de estratégias de *coping* focadas no problema colabora para que seja possível traçar novas linhas de pesquisa, novas propostas de promoção e prevenção, cuidado e atenção, que sejam baseadas no treino de habilidades sociais que contribuam para que ocorra maior uso de estratégias de *coping* saudáveis. Outro fator de prevenção contra as consequências de vivências violentas é a busca de inteligência emocional, que pode ser ensinada desde a infância, o que permite que o adolescente lide de forma assertiva com situações geradoras de estresse. Este estudo também favorece a criação de uma visão mais criteriosa a respeito dos adolescentes e de suas formas de expressão e enfrentamento diante de situações estressoras.

Os resultados obtidos neste estudo reafirmam a complexidade de se trabalhar com adolescentes vítimas de vivências violentas, além da necessidade de ampliar a pesquisa acerca das estratégias de *coping* na adolescência e sua relação com a violência. No entanto, esta pesquisa constitui em um estudo correlacional, de desenho transversal e com uma amostragem por conveniência e, para análise da influência da violência sobre as estratégias

de *coping*, sugere-se um estudo longitudinal. Neste trabalho, dificuldades metodológicas impediram o desenvolvimento desse tipo de investigação. Outro aspecto importante é a utilização de amostra mais diversificada, e não apenas de adolescentes goianos. Desse modo, tendo em conta a importância do *coping* no ajustamento dos indivíduos e as complexidades ligadas às vivências violentas, essa é uma área que deve manter o interesse da investigação e prática.

### Referências

- Ahmad, S., Ishtiaq, S. M., & Mustafa, M. (2016). The role of sócio-economic status in adoption of coping strategies among adolescents against domestic violence. *Journal of Interpersonal Violence*, 1-20.
- Amone-P'Olak, K. (2007). Coping with life in rebel captivity and the challenge os reintegrating formerly abducted boys in northern Uganda. *Journal of Refugge Studies*, 20 (4).
- Araújo, E. D. S., Costa, A. J. S., & Blank, N. (2009). Aspectos psicossociais de adolescentes de escolas públicas de Florianópolis/SC. *Revista Brasileira Crescimento Desenvolvimento Humano*, 19 (2), 219-225.
- Avanci, J. Q., Assis, S. G., Santos, N. C., & Oliveira, R. V. C. (2005). Escala de violência psicológica contra adolescentes. *Revista Saúde Pública*, 39 (5), 702-708. Retirado de [www.fsp.usp.br/rsp](http://www.fsp.usp.br/rsp).
- Bal, S., Crombez, G., Bourdeaudhuij, I., Oost, V. (2009, Oct.). Symptomatology in adolescents following initial disclosure of sexual abuse: the roles of crisis support appraisals and coping. *Child Abuse & Neglect*, 33 (10), 717-727.
- Beeri, A., & Lev-Wiesel, R. (2012). Social rejection by peers: a risk fator for psychological distress. *Child and Adolescent Mental Health*, 17 (4), 216-221.

- Brandy, S. S., Tschann, J. M., Pasch, L. A., Flores, E., & Ozer, E. J. (2009). Cognitive coping moderates the association between violent victimization by peers and substance use among adolescents. *Journal of Pediatric Psychology*, 34 (3), 304-310.
- Brasil. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. Retirado de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm).
- Câmara, S. G., Sarriera, J. C. & Carlotto, M. S. (2007). Fatores associados a condutas de enfrentamento violento entre adolescentes escolares. *Estudos de Psicologia*, 12 (3), 213-219.
- Cherewick, M. *et al.* (2015). Coping among trauma – affected youth: a qualitative study. *Conflict and Health*, 9, 35.
- Dahlberg, L. L., & Krug, E. G. (2007). Violência: um problema de saúde pública. *Ciência & Saúde Coletiva*, 11 (sup), 1163-1178.
- Deslandes, S. F., Mendes, C. H. F., & Luz, E. S. (2014). Análise de desempenho de sistema de indicadores para o enfrentamento da violência intrafamiliar e exploração sexual de crianças e adolescentes. *Ciência & Saúde Coletiva*, 19 (3): 865- 874.
- Dias, P. C. A., Rodriguez, J. A. G. C., & López-Sanchez, C. (2015, jan.-mar.). Adaptação da escala de estratégias de *coping* na adolescência numa amostra Portuguesa. *Estudos de Psicologia*, 20 (1), 12-21.
- Diniz, S. S., & Zanini, D.S. (2010, jan.-abr.). Relação entre fatores de personalidade e estratégias de *coping* em adolescentes. *Psico-USF*, 15 (1), 71-80.
- Elzy, M., Clark, C., Dollard, N., & Hummer, V. (2013). Adolescent girls' use of avoidant and approach coping as moderators between trauma exposure and trauma symptoms. *Journal Family Violence*, 28, 263-770.
- Gagné, M. H., & Melanço, C. (2013). Parental psychological violence and adolescent behavioral adjustment: the role of coping and social support. *Journal of Interpersonal Violence*, 28 (1), 176-200.
- Gonçalves, H. S., Borsoi, T. S., Santiago, M. A., Lino, M. V., Lima, I. N., & Federico, R. G. (2008). Problemas da juventude e seus enfrentamentos: um estudo de representação sociais. *Psicologia & Sociedade*, 20 (2): 217-225.

- Hamby, S. L., Finkelhor, D., Ormrod, R., & Turner, H. (2004). *The Juvenile Victimization questionnaire (JVQ): Administration and Scoring Manual*. Durham, NH: Crimes Against Children Research Center.
- Hines, L. (2015). Children's coping with family violence: policy and service recommendations. *Journal Child Adolescent Soc Work*, 32, 109-119.
- Jesus, F. B., Lima, F. C. A., Martins, C. B. G., Matos, K. F., & Souza, S. P. S. (2011, jun.). Vulnerabilidade na adolescência: a experiência e expressão do adolescente. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 32 (2), 359-367.
- Kristensen, C., Schaefer, L. S., Busnello, F. B. (2010, jan.-mar.). Estratégias de coping e sintomas de stress na adolescência. *Estudos de Psicologia*, 27 (1), 21-30.
- Lazarus, R., & Folman, S. (1984). *Stress, appraisal and coping*. Nova York: Springer.
- Lepistö, S., Stedt- Kurki, P. A., Joronem, K., Luukkaala, T., & Paavilainen, E. (2010). Adolescents' experiences of coping with domestic violence. *Journal compilation Blackweel Publishing*.
- Macedo, M. M. K., Azevedo, B., Castan, J. (2010). Adolescência e psicanálise. Em M. M. K. Macedo (Org.), *Adolescência e psicanálise: intersecções possíveis* (2ª ed., pp. 15-54). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Macedo, M. M. K., Baldo, M. A., Santos, R. L., Ribas, R. F., Silva, S. M., & Gonçalves, T. G. (2011). Motivos de busca de atendimento psicológico por adolescentes em uma clínica- escola. *Psicologia: Teoria e prática*, 13 (2), 63-75.
- Maia, L. L. Q. G. N., Araújo, A., Júnior, A. S. S. (2012). O entendimento da violência escolar na percepção de adolescentes. *Revista Med Minas Gerais*, 22 (2), 166-173.
- Moos, R. H. (1993). *Coping response inventory youth form – professional manual*. Odessa, Florida: PAR Psychological Assessment Resources Inc.
- Organização Mundial de Saúde. (2002). *Relatório mundial sobre violência e saúde*. Genebra, Suíça. Retirado de <http://www.opas.org.br/cedoc/hpp/m103/0329.pdf>.



- Pat-Horenczyk, R. *et al.* (2009). Posttraumatic symptoms, functional impairment, and coping among adolescents on both sides of the Israeli-Palestinian conflict: a cross-cultural approach. *Applied Psychology: An International Review*, 58 (4), 688-708.
- Penso, M. A., Almeida, T. M. C., Brasil, K. C. T., Barros, C. A. B., & Brandão, P. L. (2010). O atendimento a vítimas de violência e seus impactos na vida de profissionais da saúde. *Temas em Psicologia*, 18 (1), 137-152.
- Quintana, P. A., Montgomery, U. W., & Malaver, S. C. (2009). Modos de afrontamiento y conducta resiliente en adolescentes espectadores de violencia entre pares. *Revista de Investigación em Psicologia*, 12 (1), 153-171.
- Salas-Wright, C., Olate, R., & Vaughn, M. G. (2013a). Religious coping, spirituality, and substance use and abuse among youth in high- risk communities in San Salvador. *Substance Use & Misuse*, 48, 791-805.
- Salas-Wright, C., Olate, R., & Vaughn, M. G. (2013b, September). The protective effects of religious coping and spirituality on delinquency results among high- risk and gang-involved Salvadoran Youth. *Criminal Justice and Behavior*, 40 (9), 988-1008.
- Santos, M. F. S., Almeida, A. M. O., Mota, V. L., & Medeiros, I. (2010). Representação social de adolescentes sobre violência e suas práticas preventivas. *Temas em Psicologia*, 18 (1), 191-203.
- Schwanck, R. H., & Silva, M. R. S. (2006, set.-dez.). Processos que sustentam o enfrentamento da experiência de abuso sexual na infância: um estudo de caso. *Ciência, Cuidado e Saúde*, 5 (3), 380- 388.
- Smith, S. J., & Somhlaba, N. Z. (2015). Post-Apartheid South African Children's coping with daily hassles: relation psychological adjustment. *Journal Chil Family Study*, 24, 1358-1372.
- Souza, K. O. J. (2012, jan.-mar.). Violência em escolas públicas e a promoção da saúde: relatos e diálogos com alunos e professores. *Revista Brasileira Promoção de Saúde*, 25 (1), 71-79.
- Souza, S. B., Simão, M. V., & Caetano, A. P. (2014). Cyberbullying: percepções acerca do fenômeno e das estratégias de enfrentamento. *Psicologia, Reflexão e Crítica*, 27 (3), 582-590.

Ulturgasheva, O. (2014). Attaining khinem: challenges, coping strategies and resilience among eveny adolescents in northeastern Siberia. *Transcultural Psychiatry*, 51 (5), 632-650.

Williams, J. L., Aiyer, S. M., Durkee, M. I., & Tolan, P. H. (2014). The protective role of ethnic identity for urban adolescent males facing multiple stressors. *Journal Youth Adolescence*, 43, 1728-1741.